

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
NÚCLEO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

ALINE RODRIGUES DE SOUZA SALES

**MAPEAMENTO DO ENSINO DA CATALOGAÇÃO DESCRITIVA NO BRASIL:  
RECOMENDAÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS**

SÃO CRISTÓVÃO /SE  
2014

ALINE RODRIGUES DE SOUZA SALES

**MAPEAMENTO DO ENSINO DA CATALOGAÇÃO DESCRITIVA NO BRASIL:  
RECOMENDAÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe, para obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

**Orientador:** Prof. Dr. Fabiano Ferreira de Castro.

**Linha de pesquisa:** Informação e Tecnologia.

SÃO CRISTÓVÃO /SE  
2014

S163m	<p>Sales, Aline Rodrigues de Souza</p> <p>Mapeamento do ensino da catalogação descritiva no Brasil: recomendações teóricas e práticas / Aline Rodrigues de Souza Sales. – São Cristóvão, A. R. S. Sales, 2014. 68 f.: il.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) - Universidade Federal de Sergipe, 2014.</p> <p>Bibliografia: f. 54-55.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Fabiano Ferreira de Castro.</p> <p>1. Ensino de Catalogação Descritiva. 2. Biblioteconomia. 3. Currículos. 4. Informação e Tecnologia. I. Autor. II Título.</p> <p>CDU 025:378</p>
-------	---

ALINE RODRIGUES DE SOUZA SALES

**MAPEAMENTO DO ENSINO DA CATALOGAÇÃO DESCRITIVA NO BRASIL:  
RECOMENDAÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe, para obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

**Nota: 10,0**

**Data de Apresentação: 18/02/2014**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Dr. Fabiano Ferreira de Castro - UFS  
(Orientador)**

---

**Prof. Ma. Bárbara Coelho Neves - UFS  
Núcleo de Ciência da Informação**

---

**Prof. Dra. Maria Neide Sobral da Silva - UFS  
Departamento de Educação**

Dedico este trabalho ao meu esposo Daniel, as minhas filhas Laís e Taís  
e a minha mãe, pelo apoio de sempre.

Com amor, a vocês.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus pela vida, por ter me capacitado e guiado durante esses anos de alegria, dificuldades, conflitos, aprendizagem, conhecimento, reflexão e formação humana.

À minha família por todo amor, compreensão e incentivo que me deram fazendo de tudo para que eu pudesse realizar este sonho.

Aos meus amigos do grupo de orientação do TCC, Marcos, Graci e Raquel que foram companheiros e incentivadores nessa fase tão difícil e estressante que é o TCC. Quantas carinhas de choro no whatsApp (rsrs), bom saber que tinha pessoas para compartilhar esse momento.

Ao meu orientador Fabiano pela paciência, dedicação em todos os momentos e pelo apoio durante a realização desse trabalho.

Aos professores que contribuíram cada um com seu conhecimento e de sua maneira na minha formação como pessoa e profissional. Em especial à professora Marta que sempre me incentivou, ao professor Fernando pela ajuda e as palavras de motivação e também a professora Telma por suas palavras de incentivo e pelos ensinamentos tão importantes para minha vida profissional.

A todos meus amigos que me motivaram e incentivaram para conclusão deste curso.

Feliz o homem que acha sabedoria,  
E o homem que adquire conhecimento;

(Provérbios 3:13)

## RESUMO

Considerando o ensino da Catalogação Descritiva, a partir das escolas de Biblioteconomia brasileiras, essa investigação busca descrever, identificar e analisar os currículos disponibilizados *online* pelas universidades que oferecem o curso de Biblioteconomia, com o intuito de verificar o panorama atual da Catalogação Descritiva. Configura-se como objeto de estudo os currículos disponibilizados *online* dos cursos de Biblioteconomia das universidades públicas e privadas no Brasil. Foi realizada uma pesquisa documental no *site* do Cadastro da Educação Superior (e-MEC) para fazer o levantamento das universidades que oferecem o curso de Biblioteconomia no âmbito público e privado e nos *sites* dos cursos de Biblioteconomia dessas universidades, visando observar a grade curricular disponível, com o intuito de identificar as disciplinas que contemplam o tema Catalogação Descritiva, bem como analisar a carga horária disponível para o ensino da Catalogação Descritiva, suas ementas, o conteúdo programático e a bibliografia básica, sobretudo, com os impactos que a Catalogação Descritiva tem sofrido nos últimos dez anos, com o uso intensivo das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). A análise dos resultados evidenciou que a disciplina de Catalogação Descritiva está presente em todos os currículos dos cursos de Biblioteconomia do Brasil, com terminologias distintas em cada escola, tais como, Catalogação, Representação Descritiva, Formato de Intercâmbio MARC 21, Catalogação Automatizada etc., e que a carga horária disponibilizada pelas instituições para o ensino da Catalogação Descritiva é mínima, geralmente 120 horas. Conclui-se que a formação dos catalogadores nas universidades do Brasil, passa por um momento de mudança em decorrência dos avanços das TICs na Catalogação Descritiva. Dessa forma, recomenda-se que as escolas de Biblioteconomia reavaliem o ensino da Catalogação Descritiva, sobremaneira a carga horária disponibilizada ao alcance dos novos conteúdos e sua aplicação nos ambientes informacionais digitais, contemporaneamente e na prática do bibliotecário no mercado de trabalho.

**Palavras-chave:** Ensino de Catalogação Descritiva. Biblioteconomia. Currículos. Informação e Tecnologia.



## ABSTRACT

Considering the teaching of Descriptive cataloging from the schools of the Brazilian librarianship, this research seeks to describe and identify the teaching of Descriptive cataloging in Brazil by analyzing the Curriculums offered by online universities that offer the course, in order to verify the current situation. Configures itself as the object of study available in online curriculums of Librarianship, in the public and private universities in Brazil. Documentary research was carried out in the Register of Higher Education (e-MEC) site to do a survey of universities offering the course in librarianship in the public and private spheres and the websites of these universities Librarianship courses, aiming at observing the curriculum available in order to identify the disciplines that address the subject Descriptive Cataloging and analyzing workload available for teaching Descriptive Cataloging, their menus, the curriculum and basic bibliography, especially with the impacts that Descriptive Cataloging has undergone in the last ten years, with intensive use of Information and Communication Technologies (ICT). The analysis showed that the discipline Descriptive Cataloging is present in all curricula of Library in Brazil, with different terminologies in each school, such as cataloging, Descriptive Representation, Interchange Format MARC 21 Cataloging Automated etc., and the workload provided by the institutions for the teaching of Descriptive Cataloging is minimal, usually 120 hours. It is concluded that the formation of catalogers in the universities of Brazil, goes through a time of change as a result of advances of ICT in Descriptive Cataloging. Thus, it is recommended that schools of librarianship reevaluate the teaching of Descriptive Cataloging, greatly workload, available in range of new content and its application in digital, contemporaneously and practice of the librarian in the labor market information environments.

**Keywords:** Teaching Descriptive Cataloging. Librarianship. Curriculums. Information and Technology

## **LISTA DE GRÁFICOS**

<b>Gráfico 1</b>	Percentual de cursos de Biblioteconomia por regiões .....	40
<b>Gráfico 2</b>	Percentual de universidades públicas e particulares encontrados na pesquisa.....	58

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Disciplinas escolares: Rio de Janeiro (BN) e São Paulo.....	20
<b>Quadro 2:</b> Áreas da divisão do ensino de Biblioteconomia .....	25
<b>Quadro 3:</b> Temáticas relacionadas à catalogação – década de 2000-2007.....	28
<b>Quadro 4:</b> temáticas encontradas nos cursos.....	29
<b>Quadro 5:</b> Universidades que oferecem o curso de Biblioteconomia.....	37
<b>Quadro 6:</b> Ementas e carga horária das disciplinas de Catalogação Descritivas.....	42
<b>Quadro 7:</b> Terminologias encontradas nos currículos dos cursos (2013-2014) .....	55
<b>Quadro 8:</b> Carga horária disponível para o ensino da Catalogação Descritiva nas universidades brasileiras.....	60
<b>Quadro 9:</b> Média da carga horária destinada às disciplinas de Catalogação Descritiva por região.....	61

## **LISTA DE SIGLAS**

**AACR** - Anglo- American Cataloging Rules  
**ALA**- American Library Association  
**BN**- Biblioteca Nacional  
**CBU** – Controle Bibliográfico Universal  
**CDD**- Classificação Decimal de Dewey  
**CFE**- Conselho Federal de Educação  
**DASP**- Departamento Administrativo do Serviço Público  
**DCN**- Diretrizes Curriculares Nacionais  
**FABCI** - Faculdade de Biblioteconomia e Ciências da Informação  
**FAINC** - Faculdades Integradas Coração de Jesus  
**FATEA** - Faculdades Integradas Teresa D´avila  
**FCSAC**- Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel  
**FIAB**- Federação Internacional de Associações de Bibliotecários  
**FRBR**- Functional Requirements for Bibliographic Records  
**FURG** - Universidade Federal do Rio Grande  
**IBBD**- Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação  
**IBICT**- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e informação  
**IES** - Instituições de Ensino Superior  
**IESF**- Instituto de Ensino Superior da FUNLEC  
**IMAPES** - Instituto Manchester Paulista de Ensino Superior  
**ISBD** - International Standard Bibliographic Description  
**LC** – Library of Congress  
**MARC** - Machine Readable Cataloging  
**MEC** - Ministério da Educação  
**NUCI** - Núcleo de Ciência de Informação  
**PUC** - Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
**PUC** - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
**RDA** - Resource Description and Access  
**RIEC**- Reunião Internacional de especialistas em Catalogação  
**TCC**- Trabalho de Conclusão de Curso  
**TIC** - Tecnologia da Informação e Comunicação

**UCS** - Universidade de Caxias do Sul  
**UDESC** - Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina  
**UEL** - Universidade Estadual de Londrina  
**UESPI** - Universidade Estadual do Piauí  
**UFAL** - Universidade Federal de Alagoas  
**UFAM** - Universidade Federal do Amazonas  
**UFBA** - Universidade Federal da Bahia  
**UFC** - Universidade Federal do Ceará  
**UFES** - Universidade Federal do Espírito Santo  
**UFF** - Universidade Federal Fluminense  
**UFG** - Universidade Federal de Goiás  
**UFMA** - Universidade Federal do Maranhão  
**UFMG** - Universidade Federal de Minas Gerais  
**UFMT** - Universidade Federal de Mato Grosso  
**UFPA** - Universidade Federal do Pará  
**UFPB** - Universidade Federal da Paraíba  
**UFPE** - Universidade Federal de Pernambuco  
**UFRGS** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
**UFRJ** - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
**UFRN** - Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
**UFS** – Universidade federal de Sergipe  
**UFSC** - Universidade Federal de Santa Catarina  
**UFSCAR** - Universidade Federal de São Carlos  
**UNB** - Universidade de Brasília  
**UNESP** - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
**UNIFAI** - Centro Universitário Assunção  
**UNIFORMG** - Centro Universitário de Formiga  
**UNIR** - Fundação Universidade Federal de Rondônia  
**UNIRIO** - Universidade Federal do Estado do RJ  
**UNIRONDON** - Centro Universitário Cândido Rondon  
**UNIVERSO** - Universidade Salgado de Oliveira  
**USP** - Universidade de São Paulo  
**USU** - Universidade Santa Úrsula  
**VIX** - Faculdade Capixaba da Serra

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 O ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL .....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 As correntes teóricas que influenciaram o ensino de Biblioteconomia no Brasil</b> <b>.....</b>	<b>19</b>
<b>2.2 A Evolução da Catalogação Descritiva.....</b>	<b>21</b>
<b>2.3 A Catalogação Descritiva no ensino de Biblioteconomia no Brasil.....</b>	<b>25</b>
<b>3 O ENSINO DA CATALOGAÇÃO DESCRITIVA: UMA REVISÃO DA</b> <b>LITERATURA .....</b>	<b>30</b>
<b>4 MAPEAMENTO DAS AÇÕES NO ENSINO DA CATALOGAÇÃO DESCRITIVA</b> <b>NO BRASIL .....</b>	<b>37</b>
<b>4.1 Forma de Análise dos Resultados .....</b>	<b>57</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>65</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>67</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Catalogação Descritiva “também chamada de descrição bibliográfica, é a parte da catalogação responsável pela caracterização dos recursos bibliográfico.” (MEY; SILVEIRA, 2009, p. 94) sempre fez parte das atividades biblioteconômicas e conseqüentemente dos currículos dos cursos de biblioteconomia. E, atualmente, com a grande quantidade de informações disponíveis, torna-se necessária a organização da mesma para que a informação, quando buscada pelo usuário possa ser encontrada de maneira rápida, eficiente e eficaz. O responsável por essa atividade é o bibliotecário, o mesmo deve ser preparado para essa atividade durante sua formação acadêmica.

A diversidade de recursos informacionais e de suportes disponíveis no ambiente informacional tem conduzido à revisão dos instrumentos que normalizam a Catalogação Descritiva, e juntamente a sua prática, que passa a encontrar eco, nos panoramas internacional e nacional, sobretudo, nos últimos dez anos.

A motivação para a realização deste trabalho foi devido às mudanças ocorridas na Catalogação Descritiva, área da Organização e do Tratamento da Informação, que vem sofrendo transformações nas suas estruturas de armazenamento, das fichas catalográficas, manuscritas e impressas para os registros legíveis por máquinas, dos catálogos impressos para os *online*. Todas essas transformações também refletiram no fazer do bibliotecário e, conseqüentemente, no ensino da Catalogação Descritiva. Nesse sentido, o ensino da Catalogação Descritiva é de grande importância na formação dos futuros bibliotecários, pois a mesma oportuniza uma recuperação efetiva, dos aspectos da forma e do conteúdo de recursos informacionais.

Inserido na linha de pesquisa Informação e Tecnologia, do Núcleo de Ciência de Informação (NUCI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), esse trabalho traz como temática o Ensino da Catalogação Descritiva no Brasil, buscando descrever e identificar o ensino da Catalogação no Brasil, através da análise dos currículos disponibilizados *online* pelas universidades que oferecem o curso de Biblioteconomia, e é de grande importância, pois, permite ter um panorama atual da estrutura do ensino da Catalogação Descritiva.

Tendo em vista a importância da Catalogação Descritiva na formação profissional e os avanços tecnológicos ocorridos na Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), com o surgimento de novos formatos, padrões, códigos e modelos conceituais para a modelagem de catálogos que têm por definição:

É um meio de comunicação, que veicula mensagens sobre os registros do conhecimento, de um ou vários acervos, reais ou ciberespaciais, apresentando-se com sintaxe e semântica próprias e reunindo os registros do conhecimento por semelhanças, para os usuários desses acervos. O catálogo explicita por meio das mensagens, os atributos das entidades e os relacionamentos entre elas. (MEY; SILVEIRA, 2009, p. 12)

Procura-se responder se a carga horária estabelecida nos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil atende satisfatoriamente os requisitos mínimos para o ensino da Catalogação Descritiva. Como proposição desse trabalho busca-se conhecer como o ensino da Catalogação Descritiva é realizado em cada região brasileira, traçando assim um diagnóstico dos elementos norteadores da pesquisa.

Diante do exposto, o tema encontra sua relevância no sentido de discutir o ensino da Catalogação Descritiva, através da literatura pertinente da área, saber quais disciplinas são ministradas nos cursos, bem como a carga horária disponível para o ensino.

Pensando nisso, acredita-se que seja uma pesquisa de relevância por contribuir para o desenvolvimento de referencial teórico e metodológico na disciplina de Catalogação Descritiva da área de Biblioteconomia, uma vez que é possível identificar uma escassez de literatura sobre a temática; além disso, destaca-se sua contribuição para a sustentação da linha de pesquisa Informação e Tecnologia.

Como já foi dito, a Catalogação Descritiva vem passando por mudanças permeadas pelas TICs, o que tem levado os profissionais e os pesquisadores da área a repensarem o ensino da Catalogação, enquanto disciplina que orienta a descrição na Biblioteconomia. Dessa forma, este trabalho tem como objetivos:

- \* Mapear as grades curriculares dos cursos de Biblioteconomia por regiões brasileiras, no que diz respeito ao ensino da Catalogação.
- \*Identificar elementos que caracterizam o ensino da Catalogação Descritiva em escolas de Biblioteconomia brasileiras.
- \*Comparar as grades curriculares das escolas de Biblioteconomia por regiões, no que tange à carga horária, ementas.
- \*Refletir sobre requisitos mínimos para o estabelecimento efetivo do ensino da Catalogação Descritiva.

A metodologia caracterizada por ser exploratória e descritiva tem, o intuito de reunir dados sobre os currículos dos cursos de Biblioteconomia. Para Mueller (2007, p. 25) “a pesquisa exploratória tem o objetivo de reunir dados, informações, padrões, ideias ou hipóteses sobre um problema”. Foi feito um levantamento bibliográfico e documental sobre



os temas Catalogação e currículos do curso de Biblioteconomia em fontes primárias e secundárias da área de Ciência da Informação e da Biblioteconomia.

Uma pesquisa descritiva foi realizada para analisar as características dos currículos dos cursos de Biblioteconomia nas disciplinas de Catalogação Descritiva. Segundo Gonçalves (2007, p. 91) “a pesquisa descritiva registra, analisa, classifica e interpreta os fatos observados, muitas vezes estabelecendo relações entre eles”. A abordagem definida é de natureza quali- quantitativa, pois tanto permite a análise dos dados, como também permite refletir sobre os mesmos, ampliando assim, o conhecimento dos currículos dos cursos de Biblioteconomia, no que diz respeito ao ensino da Catalogação Descritiva.

Configuram-se como objeto de estudo os currículos disponibilizados *online*, dos cursos de Biblioteconomia das universidades públicas e particulares no Brasil. Foi realizada uma pesquisa documental no *site* do Cadastro da Educação Superior (MEC) para fazer o levantamento das universidades que oferecem o curso de Biblioteconomia, tanto as públicas como também as particulares. Após esse levantamento foi feita uma pesquisa nos *sites* dos cursos de Biblioteconomia dessas universidades, visando observar a grade curricular disponível, com o intuito de encontrar as disciplinas que contemplam o tema Catalogação ou as terminologias similares e empregadas nas escolas, tais como, Representação Descritiva I e II, MARC 21<sup>1</sup>, Metadados<sup>2</sup>, Catalogação Descritiva, Catalogação Automatizada bem como ementas para análise do conteúdo da disciplina. Após a identificação dessas disciplinas, foram extraídos os dados da carga horária estabelecida para a mesma, e também a carga horária total do curso. Posteriormente foi realizada a análise dos dados obtidos e a comparação dos mesmos em relação à carga horária estabelecida em cada região do Brasil, para o ensino da Catalogação Descritiva.

A partir da interpretação dos dados obtidos e com base nos resultados apresentados têm-se subsídios para responder a indagação levantada nessa investigação, verificando se a carga horária estabelecida nos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil atende satisfatoriamente os requisitos mínimos para o ensino da Catalogação Descritiva.

---

<sup>1</sup> O MARC 21 é um formato desenvolvido pelos bibliotecários para comportar as informações numa estrutura de computador, esse mecanismo possibilita a codificação da informação pela máquina que nos dará a representação da informação, sua estrutura contempla as regras descritivas do AACR2 de modo padronizado e apresenta-se como o primeiro formato para a comunicação de registros bibliográficos. (CASTRO, 2008).

<sup>2</sup> Metadados é o conjunto de características e atributos que representam ou descrevem um objeto. (MEY; SILVEIRA, 2009).

Assim, com o intuito de mostrar como esta à situação atual do ensino da Catalogação Descritiva na realidade brasileira, esta pesquisa está estruturada da seguinte maneira:

A *Introdução* vem expondo as partes iniciais da pesquisa, envolvendo conteúdo, motivação, problema, objetivos, justificativa e a metodologia.

No segundo capítulo *O ensino de biblioteconomia no Brasil* apresenta um breve histórico da evolução do ensino e aborda também as mudanças ocorridas na área da Catalogação Descritiva devido à evolução das tecnologias. Também aborda as influências que ocorreram no ensino de Biblioteconomia no Brasil. A evolução da Catalogação Descritiva, onde se podem constatar movimentos que buscavam melhorias e uma padronização da Catalogação Descritiva. A apresentação do ensino da Catalogação Descritiva no Brasil, suas terminologias, duração, instrumento de apoio ao ensino, levando a compreensão do cenário atual.

No terceiro capítulo *O ensino da Catalogação Descritiva: uma revisão da literatura* apresenta-se os conceitos sobre o ensino da Catalogação Descritiva, buscando mostrar os aspectos primordiais para o ensino e o aprendizado da Catalogação Descritiva.

No quarto capítulo *O mapeamento das ações no ensino da Catalogação no Brasil*, refere-se à divulgação dos dados da pesquisa. Com as análises dos resultados e a discussão dos dados encontrados nessa investigação.

Nas *Considerações finais* apresentam-se as impressões, as observações e as reflexões sobre o ensino e a prática da Catalogação Descritiva no cenário nacional.

## 2 O ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

Este capítulo apresenta um breve histórico da evolução do ensino de Biblioteconomia no Brasil, bem como aborda as mudanças que a área de Catalogação Descritiva sofreu com o impacto das TICs.

A atividade de catalogar antecedeu o surgimento da profissão do bibliotecário, pois se trata de uma atividade inerente ao ser humano de registrar o conhecimento produzido em alguma estrutura passível de armazenamento. Segundo Marcondes (2001, p. 61) fazer representações é uma característica humana:

Representar objetos e conceitos na mente, manipular estas representações antes de agir na realidade de acordo com os resultados da manipulação mental prévia e socializar estas experiências, sob a forma de representações orais ou escritas, para outros membros da espécie, é uma das mais fundamentais características do gênero humano.

Castro (2008) também concorda que a representação é inerente ao ser humano, e que esse processo começa mentalmente e depois é externalizado através de um suporte de armazenamento.

Pode-se dizer que a representação da informação registrada é compreendida numa perspectiva de que é primeiramente mentalizada ou internalizada numa estrutura cerebral, onde os sujeitos cognoscentes (mediadoras ou intermediários), precisam externalizar em um formato ou em um suporte informacional, que garanta o registro (armazenamento) do conhecimento para uma posterior socialização, uso e (re)uso dos recursos informacionais. (CASTRO, 2008, p. 77).

Historicamente, a primeira escrita a respeito da catalogação ou da relação de obras de uma coleção, apareceu na Biblioteca do rei Assurbanípal, na Assíria, datando entre 668-626 a.C.

A partir do aperfeiçoamento da imprensa por Gutenberg em meados do século XV, os catálogos tornaram-se chaves importantes para consultas e pesquisas deixando de ser apenas índices bibliográficos ou listas, e a Catalogação Descritiva em cada momento histórico passou por mudanças e adaptações de suas regras, a fim de garantir a padronização da descrição bibliográfica, tornando-se uma atividade especializada, a ser realizada por profissional. Surge então o ensino da Catalogação Descritiva nas universidades nos cursos de Biblioteconomia.

No ano de 1915 teve início na Biblioteca Nacional (BN) o primeiro curso de Biblioteconomia do país e o segundo da América Latina, que tinha como objetivo qualificar pessoal para trabalharem na própria BN.

Em 1929 começa em São Paulo um curso de Biblioteconomia, no Instituto Mackenzie, este já tinha no seu currículo a disciplina de Catalogação Descritiva. Já em 1936, se dá a criação da Escola de Biblioteconomia da Divisão de Bibliotecas da Prefeitura Municipal de São Paulo. Segundo Castro (2000, p. 71) “Estes cursos tinham por finalidade reciclar e atualizar os funcionários desta biblioteca”.

Já em 1940, o Decreto-Lei nº 6.416, de 30 de outubro de 1940, determinou a divisão da carreira de bibliotecário em duas modalidades: o bibliotecário e bibliotecário auxiliar e criou um curso que seria oferecido pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) o qual também mudou o foco da formação profissional, não, mais voltado a formar profissionais para Biblioteca Nacional.

Em 1954, a criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) – hoje Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) – influenciou as características dos cursos de Biblioteconomia que haviam se expandido pelo país. De acordo com Momesso e Silva (2012, p. 2) “essa influência deveu-se à chegada de dois peritos em Documentação que difundiram métodos e técnicas de documentação”.

Em 1962, depois de anos de discussão sobre os rumos da profissão bibliotecária, surge o primeiro currículo mínimo de Biblioteconomia com o objetivo de regulamentar a profissão, via Ministério do Trabalho e criar o ensino em nível superior.

Primeiro foi à fixação do Currículo Mínimo do Curso de Biblioteconomia pelo Conselho Federal de Educação (Parecer nº 326/CFE/62) e o segundo foi a sanção da Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, dispondo sobre a profissão de bibliotecário e regulamentando o seu exercício. (SOUZA, F., 2009, p. 87)

Em 1982, um novo currículo mínimo foi aprovado pelo Conselho Federal de Educação (CFE), as alterações introduzidas pelo currículo mínimo de 1982 incluíam a duração mínima de quatro anos letivos, totalizando 2.500 horas/aulas.

Após a aprovação do currículo mínimo de 1982, os debates prosseguiram, mas poucas mudanças ocorreram. Já em 2002 foram aprovadas as Diretrizes Curriculares para os cursos de Biblioteconomia com o objetivo de nortear a elaboração de projetos pedagógicos de cursos de Biblioteconomia oferecidos pelas Instituições de Ensino Superior (IES). Com fim do currículo mínimo e a definição das Diretrizes Curriculares para o curso de Biblioteconomia, as IES passaram a dispor de maior liberdade para formular seus projetos pedagógicos.

A Catalogação Descritiva ao longo da evolução do ensino de Biblioteconomia, também passou por mudanças constantes, a principal refere-se à organização e à disponibilização da informação que segundo Mey e Silveira (2009, p. 2) é “conjunto de

signos, palavra, grupo de palavras, frases, imagens, números ou quaisquer outros signos – que tenha um sentido.” A informação passou ser mais importante do que o tamanho das coleções, e estas mudanças se deram, pelos avanços tecnológicos ocorridos na área das comunicações e do processamento automático de dados.

De acordo com Baptista (2006, p. 5) “[...] o antigo conceito de catalogação – restrito à descrição – evoluiu para o de representação, e representação sempre com vistas ao uso e intercâmbio de todo e qualquer recurso informacional.” Essa mudança de paradigma também ampliou o campo de atuação do bibliotecário.

Tais mudanças modificaram a Catalogação Descritiva, como disciplina nos cursos de Biblioteconomia, o que ocasionou alterações em relação ao ensino, ao conteúdo e à carga horária estabelecida.

Na próxima seção veremos as influências das correntes teóricas e metodológicas que marcaram o ensino de Biblioteconomia, sobremaneira o ensino da Catalogação Descritiva.

## **2.1 As correntes teóricas que influenciaram o ensino de Biblioteconomia no Brasil**

O ensino de Biblioteconomia no Brasil é marcado por duas influências: a humanística e a técnica. A primeira foi adotada no curso da BN no Rio de Janeiro, esta era determinada pela França, *École de Charles*<sup>3</sup>, e era conservadora e enciclopedista. A formação dos bibliotecários destinava-se à conservação dos livros.

Em contra partida o curso oferecido pelo Instituto Mackenzie em São Paulo, mudou o foco do ensino de Biblioteconomia, este mais voltado para as técnicas. Era determinado pelos Estados Unidos, através da *Columbia University*<sup>4</sup>. As disciplinas eram voltadas para a organização de bibliotecas e refletiam a orientação americana vigente à época: Catalogação, Classificação, Referência e Organização.

Estas duas influências fizeram com que existissem diferenças marcantes nas teorias e nas práticas bibliotecárias ensinadas na época em São Paulo e no Rio de Janeiro. Segundo Castro (2000, p. 105) “[...] depois de 1944, não há diferenças significativas entre os saberes ministrados entre os cursos de São Paulo e Rio de Janeiro”.

---

<sup>3</sup> Tinha ênfase ao aspecto cultural e informativo, e estava centrado em uma linha humanista. (SOUZA, T., 2009, p. 152).

<sup>4</sup> Tinha ênfase nos processos técnicos. (SOUZA, F., 2009).

Verifica-se que a influência americana prevaleceu também no ensino da Catalogação Descritiva, e que até hoje o mesmo está baseado em regras, esquemas, códigos e padrões norte-americano.

Para Mey e Moreno (2012, p. 4), “a Biblioteconomia norte-americana influi significativamente no ensino brasileiro de graduação da área, em especial sobre a representação bibliográfica”.

Castro (2000) apresenta no quadro1 com as disciplinas ministradas entre o ano de 1915 a 1962.

**Quadro 1:** Disciplinas escolares: Rio de Janeiro (BN) e São Paulo

ANO	RJ (BN)	ANO	SÃO PAULO
1915	- Bibliografia -Paleografia e Diplomática -Referências	1929	-Catalogação - Classificação -Organização de bibliotecas
1931	- Bibliografia - Paleografia e Diplomática - História da Literatura -Iconografia e Cartografia	1941-1942	- Catalogação - Classificação - Bibliografia - História do Livro - Organização de Bibliotecas
1944	- Organização e Administração de Bibliotecas - Catalogação - Classificação - Bibliografia e Referência - História do Livro e das Bibliotecas - História da Literatura ( aplicada à bibliografia) - Noções de Paleografia	1943-1959	- Catalogação - Classificação - Bibliografia - Organização de Bibliotecas - História do Livro e Paleografia
1962	- Técnica de Referência - Bibliografia Geral - Catalogação e Classificação - Organização e Administração de Bibliotecas -História do Livro e das Bibliotecas - Organização e Técnicas de Documentação - Literatura e Bibliografia Literária - Introdução acultura Histórica e Sociológica - Reprodução de Documentos - Paleografia - Introdução acultura Filosófica e Artística	1960-1961	- Catalogação - Classificação - Referência e Bibliografia - História do Livro - Paleografia - Organização e Administração de Bibliotecas -Seleção de Livros - Introdução à Cultura Artística - Introdução à Cultura Filosófica - Introdução às Ciências Sociais - Documentação

**Fonte:** Castro (2000, p. 105)

Percebe-se que em São Paulo a disciplina de Catalogação Descritiva esteve presente desde o início do curso, e no Rio de Janeiro só aparece em 1944. Mas que a partir desse momento as disciplinas nessas escolas são voltadas para uma formação mais técnica dos Bibliotecários, e seus currículos baseados na catalogação e na classificação.

## 2.2 Evolução da Catalogação Descritiva

Como visto anteriormente, a Catalogação Descritiva sempre esteve presente no ensino de Biblioteconomia e a mesma passou por mudanças necessárias para uma organização uniforme para a construção de catálogos para as bibliotecas. É importante destacar que a evolução das TICs contribuiu para que a Catalogação Descritiva buscasse o aprimoramento das regras e dos códigos de catalogação desenvolvidos em cada momento histórico. Essas evoluções das TICs também influenciaram o ensino da catalogação, devido ao surgimento de novas estruturas de armazenamento dos dados bibliográfico e catalográficos.

De acordo com Barbosa (1978) a normalização das regras de catalogação pode ser dividida em três períodos distintos.

- a) de Panizzi à Conferência de Paris<sup>5</sup> (período tradicional) - “marcado, a partir do século XX, pela predominância de dois códigos - American Library Association (ALA) e as Instruções Prussianas”. (BARBOSA, 1978, p. 25).
- b) da Conferência de Paris à RIEC<sup>6</sup> (período pré- mecanizado) – marcado pela Declaração de Princípios e pelo desenvolvimento de projetos para a automação.
- c) da RIEC ao Controle Bibliográfico Universal (CBU<sup>7</sup>) (período mecanizado) – marcado pelos programas internacionais, visando o Controle Bibliográfico Universal.

Em 1841 são publicadas as 91 regras de Catalogação elaboradas por Anthony Panizzi, considerado o primeiro código de catalogação. Estas regras influenciaram todos os outros códigos que surgiram depois.

Já em 1852, Charles Coffin Jewett publicou um código baseado no de Panizzi, com poucas mudanças. Sua principal contribuição foi o catálogo coletivo, o qual infelizmente ele não conseguiu fazer.

Charles Ami Cutter foi à figura mais importante do século XIX para a Catalogação Descritiva (BARBOSA, 1978). Em 1876, Cutter publicou suas *Rules for a dictionary catalog* (Regras para um catálogo dicionário), considerado um verdadeiro código com 369 regras.

---

<sup>5</sup> Realizada em 1961 em Paris, reuniu representantes de 53 países e de 12 organizações internacionais, com diferentes filosofias e códigos de catalogação, dispostos a um acordo. (MEY; SILVEIRA, 2009, p. 78)

<sup>6</sup> RIEC- Reunião Internacional de Especialistas em Catalogação, realizada em Copenhague com a participação de 38 catalogadores.. (BARBOSA, 1978, p. 53).

<sup>7</sup> CBU - Objetivo era reunir e tornar disponíveis os registros da produção bibliográfica de todos os países, concretizando assim o ideal do acesso de todos os cidadãos ao conjunto do conhecimento universal. (CAMPELLO, 2006, p. 9).

As Instruções Prussinas (*Instruktionen für die Alphabetischen Kataloge der Preussischen Bibliotheken*), foram elaboradas por homens de formação científica e filosófica e publicado em 1886. Suas características eram a simplificação e a abreviação de entradas, principalmente pelo título. Percebe-se a necessidade de simplificar as regras existentes.

Em 1901 a *Library of Congress* (LC) iniciou a impressão e venda de fichas catalográficas de seu acervo. Segundo Mey (1995, p. 23) “Isso resultou em substancial padronização, não porque todos concordassem (ou concordem) com a catalogação elaborada pela LC, mas porque as fichas vendidas [...] eram rigorosamente idênticas”.

Depois em 1908 a ALA publica a primeira edição de seu código denominado Código da ALA, este foi bastante criticado pelos catalogadores pelo excesso de detalhes. Em 1941, o código da ALA teve sua segunda edição publicada, desta dividida em duas partes: entradas e cabeçalhos e descrição do livro, que também foi alvo de críticas. Em 1949 é publicada outra edição em substituição da segunda em dois volumes distintos.

O código da Vaticana foi publicado em 1920, baseado no código da ALA de 1908. Foi elaborado por um grupo de bibliotecários norte-americanos. Este foi traduzido em várias línguas, inclusive o português e o espanhol e foi bem aceito na América Latina. (BARBOSA, 1978).

Em 1961 aconteceu a Conferência Internacional sobre Princípios de Catalogação, ou Conferência de Paris, que teve como resultado a publicação da Declaração de Princípios, cujo principal objetivo era uniformização das regras de entradas e cabeçalhos principais.

Ainda para a escolha e a forma de cabeçalhos de entradas estabeleceram-se doze itens:

- a) Objetivos;
- b) Funções do catálogo;
- c) Estrutura de um catálogo;
- d) Tipos de entrada;
- e) Uso de entradas múltiplas;
- f) Funções dos diferentes tipos de entrada;
- g) Escolha do cabeçalho uniforme;
- h) Autor pessoal e individual;
- i) Entrada coletiva;
- j) Autoria múltipla;
- l) Obras que entram pelo título;
- m) Cabeçalhos de entrada para autores individuais. (BARBOSA, 1978, p. 43)



Em 1967 publicou-se a primeira edição das *Anglo-American Cataloging Rules* (AACR) este foi bastante difundido e adotado em vários lugares do mundo, possivelmente por ser considerado o mais próximo das resoluções da Conferência de Paris. Mesmo com a ampla adoção do AACR não havia, chegado ainda a uma padronização na Catalogação Descritiva, o que levou a realização da RIEC. Eis as resoluções mais importantes desta reunião segundo Barbosa (1978, p. 55-56):

- a) a criação de um grupo de trabalho, [...], para estudar o problema da autoria coletiva;
- b) a criação de um grupo de trabalho para estudar a Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada para Monografias ISBD(M)<sup>8</sup>;
- c) a criação de um sistema internacional de permuta de informações que estabelecia que a produção bibliográfica de cada país, deveria ser feita e distribuída através de uma agência nacional. Os meios de divulgação seriam fichas ou fitas magnéticas. Para esse fim, deveria haver o máximo de normalização tanto na forma, quanto no conteúdo da descrição bibliográfica;
- d) a criação de uma Secretaria de Catalogação, com sede na FIAB, [Federação Internacional de Associações de Bibliotecários] que se concretizou em 1971.

A RIEC trouxe mudanças para os códigos e para as práticas da catalogação. Uma delas foi proposta pelo especialista em catalogação *Michael Gorman*, que apresentou um documento à RIEC, denominado *International Standard Bibliographic Description* (Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada) ou ISBD, estas padronizaram as informações contidas na descrição bibliográfica (MEY; SILVEIRA, 2009). Segundo as autoras a ISBD representou um acordo no caminho da padronização.

A partir desse momento acabaram-se os códigos nacionalistas, a catalogação individualista e as decisões próprias. A ISBD possui uma genialidade, não só pelos elementos ou pela pontuação, mas por ter modificado conceitos e trazido novos ares à Catalogação. (MEY; SILVEIRA, 2009).

Em 1978, foi publicada a segunda edição do AACR. O AACR2 apresentava-se em duas partes: a primeira referente à descrição bibliográfica, esta determina a descrição e pontuação dos itens; a segunda parte é referente aos pontos de acesso, títulos uniformes e remissivas, responsáveis pela forma descritiva de apresentação aos usuários do catálogo, mas a uniformidade estava longe de ser alcançada.

---

<sup>8</sup> ISBD (M) - Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada para Monografias. Sua finalidade é fornecer uma estrutura internacionalmente aceita para a representação da informação descritiva no registro bibliográfico. (BARBOSA, 1978, p. 178).

A partir do princípio da catalogação, e frente ao crescimento das publicações, e o surgimento de novos formatos, surgem na década de 1990 os Requisitos Funcionais para Registros Bibliográficos (FRBR), que é um modelo conceitual Entidade-Relacionamento, para a modelagem dos catálogos bibliográficos digitais. Os bibliotecários buscam através desse modelo, fazer uma análise dos códigos já existentes, no sentido da recuperação pelo usuário no momento de sua busca.

Com o crescimento das publicações em meio digital, com novos formatos e tecnologias a descrição bibliográfica necessita ser revista, pois o AACR2 não contempla tais suportes dessa forma, as regras do AACR2 não estavam condizentes para com a realidade atual, desenvolvendo, portanto, o RDA (*Resource Description and Access*) lançado em 2013.

O novo código de catalogação denominado RDA é baseando no Princípio de Paris, nas ISBDS, no AACR2 e no modelo conceitual FRBR e vai além dos ambientes clássicos da biblioteca, contemplando também a descrição de recursos informacionais em museus, arquivos, centros de documentação etc.

Nesse breve histórico, nota-se que ao longo dos tempos a Catalogação Descritiva vem passando por reexames, no seu contexto teórico e prático, em consonância com os novos suportes e a evolução das tecnologias.

Dessa forma, muitos questionamentos permeiam o cenário atual. Será que o ensino da Catalogação Descritiva nos cursos de Biblioteconomia também mudou para acompanhar essa evolução? Os alunos estão saindo das universidades para o mercado de trabalho preparados para usarem adequadamente os códigos? A carga horária disposta hoje é suficiente para desenvolver à teórica/ prática da Catalogação Descritiva? Será que os alunos aprendem os princípios que regem a Catalogação Descritiva, uma vez que os mesmos são primordiais para o entendimento dos códigos? Ao longo da evolução da Catalogação Descritiva percebe-se que os códigos mudaram, mas os princípios são os mesmos, garantir uma descrição e uma representação do recurso bibliográfico de forma padronizada, garantido a unicidade do item.

Na próxima seção falaremos do ensino da Catalogação Descritiva no Brasil, o conceito e suas terminologias, apontadas pela literatura científica.

### 2.3 A Catalogação Descritiva no ensino de Biblioteconomia no Brasil

Como vimos a Catalogação Descritiva tem ampliado seu entendimento teórico e prático e vem se apresentando como principal ferramenta para o compartilhamento de recursos. No Brasil, o ensino da Catalogação Descritiva é realizado durante o período de graduação, nos cursos de Biblioteconomia que duram em média quatro anos (oito períodos), com a carga horária total de 2.500 horas, em universidades públicas e privadas.

Os programas curriculares de Catalogação Descritiva no Brasil, em geral trabalham mais a prática catalográfica, pois a base de seus conteúdos é o Código de Catalogação Anglo Americano, segunda edição (AACR2). As aulas são voltadas para o exercício e elaboração de registros bibliográficos no formato de fichas 12.50 cm x 7.50 cm ou na estrutura MARC. Atualmente, os cursos de Biblioteconomia no Brasil estão pautados nas diretrizes curriculares nacionais, do Conselho Nacional de Educação, aprovado em 2001, o qual divide o ensino de Biblioteconomia em 6 áreas conforme mostra o quadro 2:

**Quadro 2:** Áreas da divisão do ensino de Biblioteconomia

<b>Áreas</b>	<b>Habilidades</b>
<b>Área 1</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>*Fundamentos teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação comunicação e informação.</li> <li>*Cultura e Sociedade. Biblioteconomia, Documentação, Arquivologia, Museologia, Ciências da Informação e áreas afins.</li> <li>*Unidades e Serviços de Informação.</li> <li>*O Profissional da Informação: formação e atuação.</li> <li>*História e tendências da produção dos registros do conhecimento, das unidades e dos sistemas nacionais e internacionais de informação.</li> </ul>
<b>Área 2</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>*Organização e Tratamento da Informação.</li> <li>*Organização do Conhecimento e tratamento da Informação.</li> <li>*Tratamento descritivo dos documentos.</li> <li>*Tratamento temático: teoria da classificação, análise da informação, teoria da indexação.</li> </ul>

	<p>*Práticas, tecnologias e produtos.</p> <p>*Geração e organização de instrumentos de recuperação da Informação.</p>
<b>Área 3</b>	<p>*Recursos e serviços de informação fundamentos, princípios, processos e instrumentos para: seleção, aquisição, avaliação, descarte, desbastamento, preservação, conservação e restauração de recursos de informação documentais e virtuais.</p> <p>*Normas relativas ao desenvolvimento das coleções. Fontes de informação documentais e virtuais: conceitos, tipologias, características, acesso, utilização e avaliação. Estudo e educação de usuários.</p> <p>*A indústria da informação: geração, produção e comercialização de documentos, fontes e serviços de informação.</p> <p>*Serviços de provisão e acesso.</p> <p>*Serviços de referência e informação.</p> <p>*Serviços de extensão e ação cultural.</p>
<b>Área 4</b>	<p>*Gestão de Unidades de Informação Teoria geral da administração.</p> <p>*Teoria organizacional.</p> <p>*Teoria de sistemas. Técnicas modernas de gestão.</p> <p>*Gestão de unidades e serviços de informação: leitores, usuários, clientes e ambiente social.</p> <p>*Formulação de projetos de informação.</p> <p>*Gestão de recursos humanos.</p> <p>*Gestão financeira.</p> <p>*Gestão de espaço físico.</p> <p>*Mensuração e avaliação de serviços e unidades de informação.</p>
<b>Área 5</b>	<p>*Tecnologia da Informação Aplicações da tecnologia da informação e comunicação nas unidades de informação.</p> <p>*Análise, avaliação e desenvolvimento (<i>hardware e software</i>).</p> <p>*Gestão de bases de dados e bibliotecas virtuais.</p> <p>*Análise e avaliação de sistemas e redes de</p>

	informação. *Informatização das unidades de informação.
<b>Área 6</b>	*Pesquisa Epistemologia da investigação científica. *Metodologia da pesquisa social. * Pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação: produção e comunicação científica

**Fonte:** Elaborada pela autora (2013-2014)

Podemos observar nas ementas apresentadas nos cursos que a Catalogação Descritiva, objeto do presente trabalho está inserida na Área de Organização e Tratamento da Informação, apresentando os seguintes conteúdos fundamentais: descrição física da informação, aplicar os códigos, normas, formatos disponíveis e usar a informática nos serviços de informação.

As Tecnologias da Informação e Comunicação vem influenciando o ensino da Catalogação Descritiva, com o surgimento desses novos tipos de materiais para as bibliotecas e unidades de informação, além dos livros, periódicos, mapas, CD, DVD, e-books, dentre muitos outros. Exigem profissionais mais capacitados na disseminação dos mesmos. Por isso, o ensino da Catalogação Descritiva hoje é indispensável para a formação dos futuros bibliotecários, pois a função de organizar e recuperar a informação é uma característica *sine qua non* da profissão.

A Catalogação Descritiva esteve presente desde o início do ensino de Biblioteconomia no Brasil. Em certos momentos, a Catalogação Descritiva ocupou lugar de destaque nos currículos, em outros foi desvalorizada e a influência norte-americana predominou no seu desenvolvimento. Exemplos dessa influência podem ser visualizados nos códigos de catalogação, códigos de classificação, como a Classificação Decimal de Dewey (CDD), formato de intercâmbio MARC 21, as listas de cabeçalhos de assuntos e os bancos de dados da LC, dentre outros.

Atualmente a Catalogação Descritiva continua fazendo parte do currículo básico dos cursos de Biblioteconomia e é definida como:

O estudo, preparação e organização de mensagens, com base em registros do conhecimento, reais ou ciberespaciais, existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos, de forma a permitir a interseção entre as mensagens contidas nesses registros do conhecimento e as mensagens internas dos usuários. (MEY; SILVEIRA, 2009, p. 7).

A Catalogação Descritiva hoje ocupa um lugar de destaque nos currículos de Biblioteconomia, pois a mesma deixou de ser compreendida apenas como uma técnica para elaboração de catálogos e de formas de representação da informação, mas como uma atividade intelectual, baseada numa lógica descritiva que permite a recuperação das informações efetiva.

A disciplina Catalogação Descritiva está presente em todos os currículos dos cursos de Biblioteconomia do Brasil, com terminologias distintas, conforme cada escola tais como, Catalogação, Representação Descritiva, Formato de Intercâmbio MARC 21, Catalogação Automatizada, Controle dos Registros do Conhecimento etc., com carga horária também diferenciada.

No quadro 3, conforme aponta Modesto (2007), nota-se que a Catalogação Descritiva sempre teve terminologias e temáticas diferentes.

**Quadro 3:** Temáticas relacionadas à catalogação – década de 2000- 2007

Temáticas
Processos técnicos Linguagem de Marcação ISBD Internet FRBR Ensino biblioteconomia Controle Bibliográfico Catálogo on-line Catálogo Aplicações Catalogação cooperativa Catalogação história Biblioteca digital Automação de bibliotecas AACR Metadados Formatos de intercâmbio bibliográfico

**Fonte:** Modesto (2007, p. 17)

Mesmo com terminologias e carga horárias diferentes o ensino da Catalogação Descritiva tem como objetivo formar profissionais capacitados para descrever, representar e organizar os registros do conhecimento e fazer a mediação entre tais registros e os usuários.

No quadro 4, apresenta-se as temáticas para o ensino da Catalogação Descritiva, encontradas durante o nosso trabalho.

**Quadro 4:** Temáticas encontradas nos cursos

<b>Terminologias</b>	<b>Cursos</b>
Representação Descritiva	UFG, UFMT, UEL, UDESC, UCS, UFRGS, UFAL, UFC, UFMA, UFPE, UFRN, UFS, UFES, UNIRIO, UFRJ, UNIFAI, FABCI, USP, UFAM
Catalogação	UNB, UFBA, UFMG, FATEA, UNESP, UFCAR, UFSC
Catalogação Automatizada	UNESP, PUC- Campinas
Representação Descritiva da Informação	UFPA, UFC, UFPB,
Representação Descritiva Catalogação	Universo, PUC – Campinas,
Tratamento Descritivo da Informação	UNIFORMG

**Fonte:** Elaborado pela autora (2013-2014)

Durante a investigação, percebemos que nos dias de hoje a Catalogação Descritiva continua tendo terminologias diferentes nos currículos dos cursos de Biblioteconomia. Isso ocorre, pois as universidades têm liberdade para elaborar seus currículos e definir as terminologias de cada disciplina. Isso muitas vezes pode levar a uma dúvida sobre o conteúdo ministrado nos cursos, pois disciplinas que têm o mesmo conteúdo possuem terminologias diferentes de uma escola para a outra.

No próximo capítulo apresenta-se uma revisão de literatura sobre o ensino da catalogação, bem como a fundamentação teórica baseada nos autores consagrados na Biblioteconomia e na Ciência da informação.

### **3 O ENSINO DA CATALOGAÇÃO DESCRITIVA: UMA REVISÃO DA LITERATURA**

Neste capítulo apresentaremos a evolução do ensino de Catalogação Descritiva no Brasil através da literatura basilar desta pesquisa, com destaque para o cenário atual da Catalogação Descritiva, da catalogação como atividade especializada, da importância da mesma na formação dos discentes e da relação da teoria/ prática da Catalogação.

Retomando a ideia de criar representações, apontada por Marcondes (2001), a qual se trata de uma característica humana, Souza, T. (2009, p. 10) concorda que,

Organizar e representar a informação não são necessidades atuais, são preocupações que acompanham o ser humano desde os primórdios da sua própria existência, ou, seja, uma preocupação que surge com a própria evolução da sociedade, que anseia pelo compartilhamento, decifração e uso do conhecimento registrado.

Baptista (2006) afirma que a Catalogação Descritiva, voltada à identificação, ao registro e à localização de documentos surgiu antes do ensino da mesma, como disciplina e que a profissão de bibliotecário foi posterior a Catalogação Descritiva.

Percebe-se que a Catalogação Descritiva é uma atividade inerente ao ser humano e esta passou a ser uma atividade especializada em virtude dos avanços tecnológicos e realizada por bibliotecários. Souza, T. (2009, p. 62) também afirma que a catalogação “se trata de uma atividade especializada e que deve desempenhada por profissional com formação própria da área [...]”. A catalogação como atividade especializada sempre esteve presente nos currículos básicos dos cursos de Biblioteconomia e está presente até hoje.

Momesso e Silva (2012, p. 10) falam sobre a importância da Catalogação Descritiva na formação do bibliotecário:

a importância da catalogação na formação do profissional bibliotecário também parece estar refletindo na análise da obrigatoriedade das disciplinas [...] e as mesmas acreditam no reconhecimento da importância do ensino da catalogação independente do perfil profissional que se pretende formar.

O ensino da Catalogação Descritiva nos cursos de biblioteconomia é de grande importância para o futuro bibliotecário, pois permite o aprendizado de regras e códigos muitas vezes, até então, desconhecidos pelos alunos. “É importante destacar a relevância do ensino de catalogação nos cursos de Biblioteconomia por ser no ambiente acadêmico o primeiro contato do futuro profissional com os instrumentos da catalogação.” (CARVALHO, 2010, p. 4). Mas esse contato durante a graduação não permite a completa preparação para a atuação, sobretudo, na prática da catalogação automatizada e bases de dados, é necessário curso de



capacitação, estágios, palestras e outros meios que permitam real capacitação dos futuros profissionais. Para Muller (1985, p. 13) “Não parece lógico confiar apenas ao curso de graduação a tremenda responsabilidade da formação profissional. É apenas o início”. Machado, Helde e Couto (2007, p. 102) também concordam quando afirmam que:

No Brasil, o conhecimento da utilização dos códigos de catalogação é obtido durante o período de formação regular, nos cursos superiores de Biblioteconomia, entretanto a aplicabilidade destes conhecimentos em bases automatizadas se dá, na maioria das vezes, na prática, ou seja, por meio dos estágios curriculares e não curriculares ou durante a atuação profissional.

Baptista (2006, p. 7) destaca que a Catalogação Descritiva deve ter uma atualização constante, paralela ao seu aprendizado. “A constatação que se torna praticamente inevitável é que, a par da formação acadêmica, a catalogação demanda atualização constante e treinamento contínuo”.

Ao longo do seu desenvolvimento a Catalogação Descritiva tornou-se uma atividade profissional especializada, pois a mesma exige o uso de esquemas, regras, padrões e formatos, que devem ser usados para a representação do documento, com a finalidade de intercâmbio de qualquer recurso informacional.

[...] em sua dimensão de atividade técnica especializada, a catalogação possui desde sempre uma característica de prática cotidiana visível, que consiste basicamente no registro hoje em dia, na inclusão dos registros num sistema automatizado visando à identificação, localização e recuperação de documentos. (BAPTISTA, 2006, p. 6)

A Biblioteconomia, hoje está alicerçada em dois saberes fundamentais: a organização dos registros do conhecimento e a mediação entre tais registros e os usuários, que são propiciadas pela Catalogação Descritiva (MEY; MORENO, 2012).

A Catalogação passou a caracterizar a profissão do Bibliotecário, que faz representações com vistas ao compartilhamento de recursos informacionais. Segundo Mey e Moreno (2012, p. 10) “a função de organizar e recuperar o conhecimento, ou os registros físicos ou ciberespaciais do conhecimento, ainda é um dos dois fundamentos que distinguem e caracterizam a profissão de bibliotecário”.

Souza, T. (2009, p. 223, grifo nosso) também considera a Catalogação como um paradigma da organização da informação e que esta não pode ser deixada de lado.

A catalogação, como um processo relacionado à organização de materiais em unidades de informação tradicionais, constitui, sem dúvida, **o paradigma da organização da informação**. E é por essas considerações acima que desde a existência do primeiro curso de Biblioteconomia até os mais recentemente implantados, não se pode deixar de lado o ensino de disciplinas que fazem parte do

Processamento da Informação (Área 2) que inclui a organização, o processamento e o tratamento da informação, e logicamente a Representação Descritiva de documentos.

Percebemos através da literatura basilar que em certo momento a Catalogação Descritiva deixou de ser o foco da formação do bibliotecário, essa passou a ser mais voltada para a gestão da informação. Os avanços tecnológicos e a Internet, fizeram com que a Catalogação Descritiva voltasse a ocupar o lugar de destaque na formação dos futuros bibliotecários. Tolentino (2012, p. 12) salienta que

A área de catalogação começa a ressurgir após ficar um período em muito destaque no âmbito da Biblioteconomia. Entende-se que isso se deve em função das novas tecnologias de informação e comunicação que estão sendo incorporadas pela área, facilitando recuperação, o registro e o intercâmbio de informações, e que tem estado presente em produções acadêmicas de várias áreas.

Mey e Moreno (2012, p. 2) afirmam que a Internet fez com que a Catalogação Descritiva voltasse agora com mais força, já que os leitores/ usuários encontram-se longe da biblioteca e é necessário organizar os registros do conhecimento disponibilizado na Internet.

Esse novo contexto dado à Catalogação Descritiva, sugere que os cursos de Biblioteconomia devam adequar seus conteúdos, visando à preparação desses futuros profissionais para esta nova realidade. Baptista (2006, p. 4) também concorda que a Internet deu um novo rumo à catalogação, ao mencionar que, “no cenário atual, em que a Internet rompeu barreiras físicas e geográficas no que tange à circulação e disponibilização da informação, a atividade específica da catalogação passa a fazer parte de um processo mais amplo e complexo”.

No livro *Introdução a Catalogação*, a autora Eliane S. Mey confirma que as novas tecnologias deram à Catalogação Descritiva um novo estatuto e que a mesma passou a ser uma das atividades principais para biblioteca. “[...] com o desenvolvimento dos recursos tecnológicos, a catalogação voltou a ser uma das atividades mais importante, se não a primordial, para as bibliotecas: o usuário pode encontrar-se a quilômetros de distância.” (MEY, 1995, p. ix).

Os avanços das TICs e da Internet fizeram com que surgissem novos suportes de informação, documentos eletrônicos, e esses novos meios influenciaram nas atividades dos bibliotecários, em novas práticas catalográficas. Neste sentido afirma Modesto (2007, p. 15) afirma que,

Mudam-se as características das informações e transformam-se os suportes. A Internet provoca um crescimento na produção de documentos eletrônicos. O AACR (2ª edição) adotado pelas bibliotecas brasileiras encontra-se defasado em relação à

descrição de novos suportes, como CD-ROM, disquetes e documentos eletrônicos. Bibliotecários discutem a questão do tratamento dos recursos da Internet, procuram desenvolver procedimentos que permitam organizar e recuperar informações nela disponíveis. Há necessidade de novos padrões; trata-se de um tipo de nova “velha situação”, ou seja, como facilitar o acesso a esses recursos se não se conta com padrão de descrição?

Diante desses novos suportes e códigos é necessário também que ocorram mudanças no ensino da Catalogação Descritiva, com a finalidade de capacitar os futuros bibliotecários. Mey (2003, p. 1) também concorda que o ensino da Catalogação Descritiva vem sofrendo mudanças em seu enfoque

[...] o cerne da representação desloca-se do item para o usuário, visando permitir-lhe as tarefas de encontrar, identificar, selecionar e obter uma ‘entidade’ adequada a seus propósitos. Entidade, aqui, tem o sentido empregado na modelagem de entidade-relacionamento para bancos de dados, isto é, um objeto-chave que pode ser distintamente identificado.

Nessa nova dimensão dada à Catalogação Descritiva é fundamental, que o ensino da mesma esteja condizente com essa realidade, contemplando tanto a teoria (princípios), quanto à prática da catalogação.

Para Machado, Helde e Couto (2007, p. 102) “outra questão que é considerada importante na formação do catalogador, é o estímulo à relação entre a teoria/ prática que está sendo ministrada em sala de aula, com a prática que o mesmo está vivenciado em seus estágios fora da escola”.

Mey e Silveira (2010, p. 136) também concordam que é necessário ter a relação teoria / prática no ensino da Catalogação Descritiva, pois a mesma permite entender a evolução da área.

A máxima popular a teoria não se aplica à prática apenas demonstra o uso incorreto da teoria na prática, ou a inadequação da teoria àquela prática: ambas precisam ser revistas, não ignoradas. A análise reflexiva sobre a prática e a teoria é o que permite a evolução da área, assim como sua adequação à sociedade.

Nota-se que desde o início do ensino da Catalogação Descritiva houve também essa preocupação em relação à teoria e a prática da mesma. Conforme relata Castro (2000) sobre o conteúdo da disciplina Catalogação Descritiva no curso oferecido na Biblioteca Municipal de São Paulo<sup>9</sup> o qual era dividido em duas fases teórica e prática.

---

<sup>9</sup> Curso criado por Rubens Borba de Moraes consolidou, sistematizou e normalizou atividades de ensino, informais e assistemáticas, desenvolvidas desde de 1929[...] (CASTRO, 2000, p. 71).

Machado, Helde e Couto (2007, p. 3) também concordam que é de grande relevância a parte teórica da catalogação antes da prática, pois permite que os alunos conheçam os fundamentos e princípios da mesma.

Entende-se ser imprescindível que o aluno antes de iniciar a prática da elaboração de registro tenha clareza do contexto histórico, social e cultural que levou a criação desse procedimento, dos princípios que regem a área (Declaração de Paris) dos estudos sobre o modelo conceitual proposto nos Requisitos Funcionais do registro Bibliográfico, assim como dos códigos, formatos e suas particularidades.

Baptista (2006, p. 1) destaca que teve ter um equilíbrio entre a fundamentação e a prática da Catalogação Descritiva. “Diante das dificuldades do ensino da disciplina, e em face das mudanças apontadas, torna-se necessário entre outros aspectos, um equilíbrio bem dosado entre fundamentação e prática”.

Mey e Moreno (2012, p. 10) destacam também que as disciplinas de Catalogação Descritiva se consideradas de modo isolado, não se mostram capazes de formar um profissional completo na área e reafirmam que a catalogação patenteia-se cada vez mais importante e indispensável como teoria e como prática. Pereira (2013) também afirma que a Catalogação Descritiva está rodeada de fator que influencia direta ou indiretamente o desenvolvimento da mesma e que não podemos ver a mesma de forma individual, no processo de ensino/ aprendizagem.

O ensino da catalogação está atualmente permeado por uma série de determinantes, de fatores sociais, políticos (não podemos nos isolar ou abster-nos das decisões políticas que regem a área), ideológicos (a paixão do bibliotecário por sua área de atuação e sua contribuição para com ela) e tecnológicos. Esses fatores influenciam direta e indiretamente no fazer diário e no processo de ensino/aprendizagem das disciplinas de catalogação, como também na área núcleo que concerne aos cursos de Biblioteconomia. (PEREIRA, 2013, p. 6).

Segundo Mey e Moreno (2012, p. 10) o ensino da catalogação, por si só, não pode formar um catalogador. Várias outras matérias ou disciplinas devem compor o currículo que leve à formação desejável. O aluno de catalogação precisará, também, de:

- a) conhecimento de literatura, pelo menos, de literatura brasileira e contemporânea, com muita leitura. Quem não lê não consegue catalogar;
- b) conhecimento sobre a sociedade, sobre a comunidade onde atua, com mais saberes e menos informação;
- c) princípios teóricos da comunicação humana, para melhor compreender o papel mediador da catalogação;
- d) conhecimentos básicos sobre a ciência da linguagem;

d) conhecimentos básicos de tecnologias da informação, aliados aos preceitos de organização.

Machado, Helde e Couto (2007, p. 3) também consideram importante na formação do catalogador, o estímulo à relação entre a teoria e a prática.

Percebemos a importância do ensino Catalogação Descritiva para a formação dos bibliotecários, este ensino deve seguir as diretrizes estabelecidas pelo MEC por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais, que aprovou as competências e as habilidades dos graduados em Biblioteconomia. Habilidades específicas encontram-se:

- Interagir e agregar valor nos processos de geração, transferência e uso da informação, em todo e qualquer ambiente;

- Criticar, investigar, propor, planejar, executar e avaliar recursos e produtos de informação;

- Trabalhar com fontes de informação de qualquer natureza;

- **Processar a informação registrada em diferentes tipos de suporte, mediante a aplicação de conhecimentos teóricos e práticos de coleta, processamento, armazenamento e difusão da informação;** (destacamos, pois se trata da habilidade específica referente à área da Catalogação Descritiva).

- Realizar pesquisas relativas a produtos, processamento, transferência e uso da informação. (MEC).

Nota-se, que a Catalogação Descritiva é considerada pelas diretrizes do MEC uma habilidade específica do bibliotecário e a mesma, deve estar presente em sua formação. De acordo com Souza, T. (2009, p. 148):

Os cursos de biblioteconomia brasileiros têm como objetivos habilitar profissionais para preservar, divulgar e gerenciar recursos informacionais encontrados em diferentes níveis e suportes, visando atender os diversos segmentos da sociedade, como contributo ao avanço científico, tecnológico e ao desenvolvimento social do país.

Em relação à carga horária disposta ao ensino da Catalogação Descritiva, a partir da sanção da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) os cursos universitários de graduação têm que seguir às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação, que dá liberdade às universidades para estabelecer a carga horária de cada disciplina.

Essa liberdade faz com que não haja uma padronização em relação à carga horária disponibilidade para disciplinas, em especial a interesse nessa pesquisa, a Catalogação Descritiva. Mey e Moreno (2012) consideram a carga horária ideal para o ensino da Catalogação Descritiva, como sendo de 180h/aula, ou 12 créditos e consideram prejudicial à formação do profissional, com a carga horária menor que 120h/aula.

Souza, T. (2009) também acredita que em apenas 60 horas não é possível preparar o estudante para o exercício da catalogação, com habilidades e competências para atuarem- nos diversos ambientes e suportes atualmente existentes.

Contudo, nota-se hoje, que a carga horária disponibilizada para o ensino da Catalogação Descritiva nas instituições é bem diferente, de uma instituição para a outra. Essa divergência em relação à carga horária faz com que existam diferenças no nível de formação dos discentes de uma instituição para a outra. “[...] com relação à carga horária, percebe-se uma divergência muito grande em termos de quantidade de horas por disciplina entre os cursos de biblioteconomia brasileiros”. (SOUZA, T., 2009, p. 305).

Assim, essa investigação busca refletir sobre diretrizes funcionais que estabeleça e padronize o ensino da Catalogação Descritiva, no panorama brasileiro, a fim de preparar os discentes da graduação em Biblioteconomia, na teoria e prática efetivas do processo de catalogação.

No próximo capítulo, trataremos dos procedimentos metodológicos, verificando e estudando os currículos das escolas de Biblioteconomia, no Brasil, nas questões do ensino da Catalogação Descritiva, objeto de estudo dessa pesquisa.

#### 4 MAPEAMENTO DAS AÇÕES NO ENSINO DA CATALOGAÇÃO DESCRITIVA NO BRASIL

A pesquisa caracteriza-se por ser exploratória e descritiva, com o intuito de reunir dados sobre os currículos dos cursos de Biblioteconomia, no Brasil. Para Mueller (2007, p. 25) “a pesquisa exploratória tem o objetivo de reunir dados, informações, padrões, ideias ou hipóteses sobre um problema”. Foi realizado um levantamento bibliográfico e documental sobre os temas Catalogação Descritiva e currículos do curso de Biblioteconomia, em fontes primárias e secundárias da área de Ciência da Informação e da Biblioteconomia.

Configuram-se como objeto de estudo os currículos disponibilizados, *online* dos cursos de Biblioteconomia das universidades públicas e particulares no Brasil. Esta pesquisa utilizou como população alvo 100% dos cursos de Biblioteconomia cadastrados no *site* do MEC. Desse modo, a pesquisa tem como universo de estudo todos os cursos de Biblioteconomia, no Brasil, atualmente em funcionamento.

Foi realizada uma pesquisa documental no *site* do Cadastro da Educação Superior MEC (<http://emec.mec.gov.br/>) para fazer o levantamento das universidades que oferecem o curso de Biblioteconomia, tanto as públicas como também as particulares. Através do *site* do MEC foram identificadas 49 IES que oferecem o curso de bacharelado em Biblioteconomia. Este levantamento foi realizado por regiões: Centro- oeste, Norte, Nordeste, Sul e Sudeste. O quadro 5 mostra as universidades cadastradas no *site* do MEC.

**Quadro 5:** Universidades que oferecem o curso de Biblioteconomia

Instituições (centro-oeste)	Tipo
Universidade Federal de Goiás (UFG)	Pública
Universidade Salgado de Oliveira (Univero)	Particular
Universidade de Brasília (UNB)	Pública
Centro Universitário Cândido Rondon (UNIRONDON)	Particular
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)	Pública
Instituto de Ensino Superior da FUNLEC (IESF)	Particular

<b>Instituições (Norte)</b>	
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	Pública
Universidade Federal do Pará (UFPA)	Pública
Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR)	Pública
<b>Instituições (Sul)</b>	
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel (FCSAC)	Particular
Universidade Estadual de Londrina (UEL)	Pública
Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	Pública
Universidade Federal de Santa Catarina UFSC	Pública
Universidade de Caxias do Sul (UCS)	Particular
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Pública
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	Pública
Universidade Salgado de Oliveira (Univero)	Particular
<b>Instituições (Nordeste)</b>	
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	Pública
Universidade Salgado de Oliveira (Univero)	Particular
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Pública
Universidade Federal do Ceará (UFC)	Pública
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	Pública
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	Pública
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	Pública



Universidade Salgado de Oliveira (Universon)	Particular
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)	Pública
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Pública
Universidade Federal de Sergipe (UFS)	Pública
<b>Instituições (Sudeste)</b>	
Faculdade Capixaba da Serra (VIX)	Particular
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	Pública
Universidade Salgado de Oliveira (Universon)	Particular
Centro Universitário de Formiga (UNIFORMG)	Particular
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC)	Particular
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Pública
Universidade Salgado de Oliveira (Universon)	Particular
Universidade Federal do Estado do RJ (UNIRIO)	Pública
Universidade Salgado de Oliveira (Universon)	Particular
Universidade Santa Úrsula (USU)	Particular
Universidade Federal Fluminense (UFF)	Pública
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Pública
Centro Universitário Assunção (UNIFAI)	Particular
Faculdades Integradas Coração de Jesus (FAINC)	Particular
Faculdade de Biblioteconomia e Ciências da Informação (FABCI)	Particular
Faculdades Integradas Teresa D'ávila (FATEA)	Particular

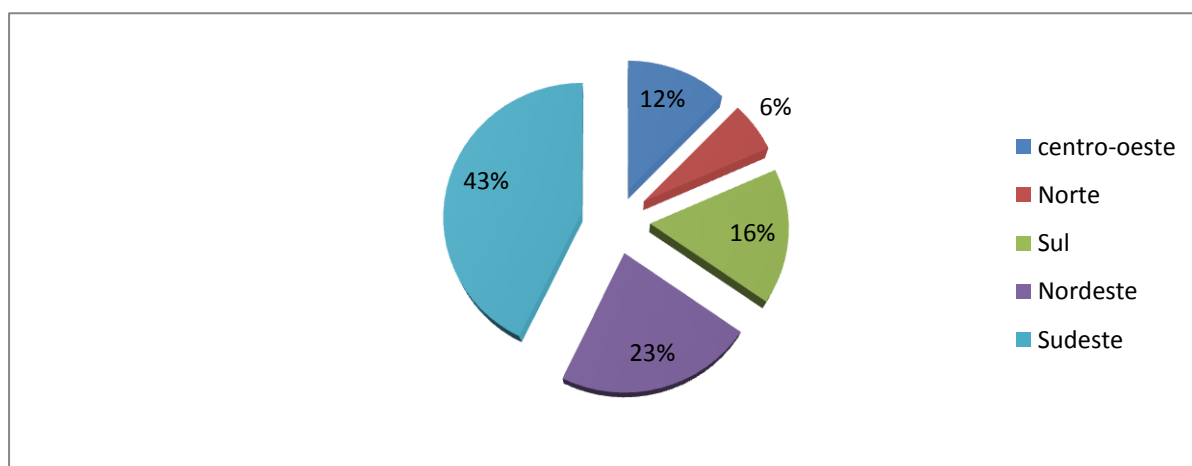
Instituto Manchester Paulista de Ensino Superior (IMAPES)	Particular
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC)	Particular
Universidade de São Paulo (USP)	Pública
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)	Pública
Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)	Pública

**Fonte:** Elaborado pela autora (2013-2014)

O gráfico 1 apresenta uma amostragem do quantitativo das universidades que oferecem o curso de Biblioteconomia, no Brasil. Nota-se que a região sudeste é a que mais possui cursos de Biblioteconomia, seguido da região nordeste, já a região norte é a que menos oferece cursos de Biblioteconomia.

Observa-se que, em todas as regiões pesquisadas possuem universidades que oferecem o curso de Biblioteconomia, em todos os estados que a compõe, com exceção da região norte que não possui o curso nos estados do: Acre, Amapá, Roraima e Tocantins.

**Gráfico 1:** Percentual de cursos de Biblioteconomia por regiões.



**Fonte:** Elaborado pela autora

Acredita-se que isso reflete hoje a importância da profissão de bibliotecário no Brasil. Como dito anteriormente existem hoje 49 instituições de ensino cadastradas no *site* do MEC, que oferecem o curso de Biblioteconomia no Brasil. No entanto, 18 não fizeram parte da análise deste estudo devido aos motivos descritos abaixo:

O curso da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel (FCSAC) da região sul e o da Faculdade Capixaba da Serra (VIX) da região sudeste, não fizeram parte do estudo, pois, segundo informações obtidas junto aos responsáveis pelos mesmos, embora aprovados e devidamente regulamentados, nunca funcionou por falta de candidatos.

Já o curso da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC) da região sudeste, não fez parte do estudo, pois de acordo com informações dos responsáveis pelo mesmo, embora aprovado e regulamentado, encontra-se em processo de extinção.

O curso da Universidade Santa Úrsula (USU) da região sudeste, também não fez parte do estudo, pois segundo informações obtidas junto aos responsáveis pelo mesmo, embora aprovado e regulamentado, não está sendo ofertado.

Os curso das Universidades Salgado de Oliveira (Unverso) que está cadastrada no *site* do MEC com sete polos em regiões diferentes e da Universidade de Caxias do Sul (UCS) da região sul, não fizeram parte do estudo, pois as mesmas oferecem o curso na modalidade a distância, e o objetivo dessa é analisar os cursos presenciais.

O curso do Centro Universitário Cândido Rondon (UNIRONDON) da região centro-oeste e da Universidade Federal do Piauí (UESPI) da região nordeste, também não fizeram parte do estudo, pois não tem o curso de Biblioteconomia em suas listas de cursos de graduação.

Os cursos do Instituto de Ensino Superior da FUNLEC (IESF) da região centro-oeste e da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) da região norte, Faculdades Integradas Coração de Jesus (FAINC) região sudeste, Instituto Manchester Paulista de Ensino Superior (IMAPES) também da região sudeste não fizeram parte do estudo, pois os mesmos não disponibilizam a grade curricular do curso. Entramos em contato via e-mail, mas não tivemos resposta.

Entretanto, esses cursos fizeram parte da caracterização do nosso universo de estudo, mas não foi possível analisar as grades curriculares relacionadas à Catalogação Descritiva.

Depois da análise das instituições que apresentavam os itens necessários para esse estudo, foram identificadas 31 instituições que oferecem o curso de Biblioteconomia no Brasil na modalidade presencial.

Após esse levantamento, passamos a acessar o *site* de cada universidade, com o intuito de se levantar informações de cada uma. Como já foi dito anteriormente observou-se também a grade curricular de cada curso, a fim de verificar quais unidades curriculares contemplam o conteúdo da Catalogação Descritiva ou terminologias similares como, Representação Descritiva I e II, MARC 21, Metadados, Catalogação, Catalogação Automatizada etc. Realizada esta fase procurou-se obter no próprio *site* as ementas de cada disciplina para análise do conteúdo ministrado. Contudo, em alguns *sites* não se encontravam disponíveis essas informações. Nessas situações, foi solicitado via e-mail às informações referente ao curso. O quadro abaixo apresenta as ementas de cada disciplina identificada na pesquisa, referente ao ensino da Catalogação Descritiva.

**Quadro 6:** Ementas e carga horária das disciplinas de catalogação descritiva

Instituições	Disciplina	Carga horária	Ementa
UFG	Representação Descritiva I	64	Evolução e teorias da representação descritiva. Tipologia dos documentos. Leitura técnica do documento. Catálogos de biblioteca conceituação, funções, tipos, fluxos de catalogação. Formas de entradas autores, entidades coletivas, nomes geográficos e títulos uniformes. Listas de cabeçalhos de assuntos. Evolução e teorias da representação descritiva. Tipologia dos documentos. Leitura técnica do documento. Catálogos de biblioteca conceituação, funções, tipos, fluxos de catalogação. Formas de entradas autores, entidades coletivas, nomes geográficos e títulos uniformes. Listas de cabeçalhos de assunto.
	Representação Descritiva II	64	Origem e evolução dos códigos de catalogação. Aspectos teóricos da representação descritiva. Padrões e normas da representação descritiva. Catalogação e Controle Bibliográfico Universal. Formatos para automação da catalogação.
UNB	Catalogação	60	Conceito, objetivos, evolução histórica, panorama atual, sistemas informatizados. Catalogação e controle bibliográfico universal. O documento e sua representação. Registros catalográficos: terminologia e campos. Instrumentos e aplicação de normas vigentes da catalogação descritiva e de escolha e formas de entrada. O Código de Catalogação Anglo-Americano, 2.ed. revista.

	Organização e Tratamento de Materiais Especiais (optativa)	60	Definições, tipologia e terminologia. Panorama atual. Descrição e registros catalográficos: terminologias campos; áreas e elementos. Uso de normas, padrões formatos de descrição. Determinação de pontos de acesso. Noções gerais de organização e tratamento. Coleções e catálogos.
UFMT	Representação Descritiva I	60	Catálogo: conceito, objetivos, evolução histórica, panorama atual, sistemas informatizados. Da catalogação à descrição bibliográfica. Códigos de catalogação (CCAA/AACR2). Regras para descrição. História e evolução da representação descritiva.
	Representação Descritiva II	90	O documento e sua representação. Remissivas, apêndices e índices. Formas de cabeçalhos para nomes geográficos. Cabeçalhos para entidades coletivas. Descrição bibliográfica de publicações seriadas e materiais seriados. Catalogação cooperativa. Projeto MARC. Projeto CALCO. Práticas de catalogação.
UFAM	Representação Descritiva Documentos I	90	Aspectos histórico-conceituais da catalogação. Catalogação e o Controle Bibliográfico Universal. Descrição, entradas e pontos de acesso de monografias. Catálogos. Catalogação automatizada.
	Representação Descritiva Documentos II	75	Catálogo de multimeios e publicações periódicas. Descrição, entradas e pontos de acesso de multimeios e publicações periódicas.
	Representação Descritiva da Informação I	64	Etapas da Catalogação e Padrões Internacionais. Representação de documentos: leitura técnica, normas e organização da descrição bibliográfica. Manuseio e aplicação do Código de Catalogação AngloAmericano: regras gerais e especiais; identificação/ determinação dos pontos de acesso. Catálogos de Bibliotecas e de Centros de Documentação: conceitos, funções e tipos.

<b>UFPA</b>	Representação Descritiva da Informação II	64	Cabeçalhos para pessoas e entidades; Legislação; Controle bibliográfico universal; Formatos de intercâmbio: IBICT, CALCO, MARC, UNISIST etc.; Redes de catalogação cooperativa; Sistemas automatizados de catalogação. On-line Public Access Catalogs OPACs (Catálogo on-line): histórico, principais recursos, estrutura; Metadados; Dublin Core; Arquivos abertos; Conversão retrospectiva.
	Representação Descritiva da Informação III	64	Multimeios: definição, tipos e características. Processamento e organização de multimeios. Aplicação de normas vigentes da catalogação descritiva e de escolha e formas de entrada. O Código de Catalogação Anglo-Americano, 2.ed. Revista (CCAA/AACR2).
<b>UEL</b>	Representação Descritiva I	60	História e evolução da catalogação. O Código de Catalogação Anglo Americano 2.ed. (AACR2). Descrição bibliográfica de material impresso e multimeios
	Representação Descritiva II	30	Código de Catalogação Anglo Americano 2.ed. (AACR2). Estudo teórico-prático dos pontos de acesso para nomes pessoais e coletivos. Uso de títulos uniformes
	Tecnologias aplicadas à Representação Descritiva	60	A Representação Descritiva de documentos em sistemas automatizados. Descrição dos documentos eletrônicos. O compartilhamento dos dados nas redes.
<b>UDESC</b>	Representação Descritiva I	54	História e evolução da Representação Descritiva. O controle bibliográfico e padrões internacionais. Catálogos de bibliotecas: conceituação, funções, tipos. Representação de documentos: leitura técnica e normas de descrição bibliográfica. Código de catalogação AACR2.
	Representação Descritiva II	72	Código de catalogação AACR2: entradas e cabeçalhos, regras gerais e especiais. Tratamento de material multimeios e multimídia: leitura técnica e representação descritiva.

	Representação Descritiva III	72	Formatos de intercâmbio. Bases para implementação de sistemas informatizados. Redes de catalogação cooperativa. Metadados. Dublin Core. Conversão Retrospectiva. Automação de representação descritiva dos documentos.
UFSC	Catalogação I	72	Evolução e teorias da catalogação e códigos. Programas de catalogação. Padrões e formatos de descrição para intercâmbio. Catálogos. Representação descritiva de livros, folhetos e folhas soltas impressas.
	Catalogação II	108	Pontos de acesso, cabeçalhos e títulos uniformes nos diferentes suportes da informação. Catalogação Descritiva de multimeios.
UFRGS	Representação Descritiva I	60	Conceitos, princípios, etapas, padrões da Representação Descritiva dos registros informacionais. Prática de Representação Descritiva: descrição e pontos de acesso de responsabilidade pessoal; dados de localização.
	Representação Descritiva II	60	Princípios e práticas de Representação Descritiva: descrição e pontos de acesso de responsabilidade coletiva; pontos de acesso para títulos. Formatos de intercâmbio
	Representação Descritiva C (optativa)	45	Sistemas de catálogos manuais e informatizados. Formatos de intercâmbio. Políticas para tratamento da informação.
	Fundamentos de Organização da Informação	60	Representação Descritiva (histórico, teoria, conceito, princípios, padrões). Representação temática (histórico, teoria, conceito, princípios, teoria facetada, teoria do conceito, padrões). Metodologia de Análise temática (leitura técnica, normas e procedimentos). Produtos da representação da informação (índices, resumos, catálogos, bibliografias, mapas conceituais).

<b>FURG</b>	Fundamentos de Representação Descritiva	45	A Representação bibliográfica em relação ao usuário. A Representação e a tecnologia. A representação na Internet. Os catálogos: definições e funções. Breve histórico da Catalogação. Catalogação cooperativa. Catalogação na fonte. Os códigos de catalogação: CCAA2. A prática da catalogação e suas etapas. Leitura técnica dos itens.
	Representação Descritiva I	45	Estrutura da descrição. Sistemas de pontuação. Níveis da descrição. Fontes de informação para catalogação. Regras básicas de catalogação descritiva para todos os tipos de materiais. Os pontos de acesso: autores pessoais, entidades. Nomes geográficos e títulos uniformes.
	Representação Descritiva II	45	O código de catalogação Anglo-Americano (CCAA2). A representação e as áreas da descrição para recursos eletrônicos, contínuos e multimídia.
	Prática em Representação Descritiva (optativa)	30	Prática em representação descritiva e prática de catalogação.
	Tópicos Esp. em Representação Descritiva (optativa)	30	Estudos de temas emergentes que permitam atualização de conteúdos e atendimento dos interesses dos educandos.
<b>UFAL</b>	Representação Descritiva I	60	Processamento dos diversos tipos de materiais bibliográficos. Catálogos: conceituações e funções. Códigos de catalogação. Sistemas automatizados de catalogação. Descrição física, organização, tratamento e conservação de materiais especiais.



	Representação Descritiva II	60	Processamento dos diversos tipos de materiais bibliográficos. Catálogos: conceituações e funções. Códigos de catalogação. Sistemas automatizados de catalogação. Descrição física, organização, tratamento e conservação de materiais especiais.
UFBA	Catalogação I	102	Conceituação, histórico e objetivos. Estudo dos pontos de acesso de publicações monográficas e seriadas. Descrição bibliográfica ISBD(M) e ISBS(S). Elaboração de fichas catalográficas. Controle Bibliográfico Universal e seus padrões. Sistemas computadorizados e formatação.
	Catalogação II	68	Estudo dos vários tipos de multimeios, objetivando sua disseminação e uso através dos catálogos – Descrição bibliográfica dos multimeios – ISBDS – Entrada de dados. Estudo de cada ISBD apropriada ao tipo de material
UFC	Representação Descritiva da Informação I	64	Aspectos históricos e teóricos da representação descritiva para o uso correto das formas e aplicações do formato MARC, e Dublin Core para a representação descritiva em meios eletrônicos.
	Representação Descritiva da Informação II	64	Compreensão dos aspectos descritivos dos diversos suportes informacionais. Pontos de acesso e organização desses materiais. Recursos contínuos e outros multimeios a fim de facilitar intercambio internacional do registro documental.
UFMA	Representação Descritiva I	60	<b>Ausente</b>
	Representação Descritiva II	60	<b>Ausente</b>

<b>UFPB</b>	Representação Descritiva da Informação I	90	Evolução histórica, objetivos, princípios e panorama atual da catalogação. Catalogação no Programa de Controle Bibliográfico Universal (CBU). Código de Catalogação Anglo Americano (AACR-2. ed.). Pontos de acesso. Representação descritiva de documentos impressos. Sistemas Automatização de catalogação. Notação de autor.
	Representação Descritiva da Informação II	60	Catalogação de recursos contínuos e de materiais especiais: tipos, características. Organização e tratamento.
<b>UFPE</b>	Representação Descritiva I	60	AACR2: histórico, princípios para descrição, escolha e formulação de entradas principais e secundárias. Catálogos e sistemas automatizados de catalogação.
	Representação Descritiva I	60	Materiais especiais: definição, tipologia e terminologia. AACR2: áreas e elementos. Pontos de acesso principal e secundário. Catálogos e sistemas automatizados de catalogação
<b>UFRN</b>	Representação Descritiva I	60	Catalogação: conceito, objetivos, panorama atual, sistemas automatizados. O livro e a descrição bibliográfica. Registros catalográficos: nível bibliográfico, terminologia e campos. Catálogo de bibliotecas e centro de documentação: conceitos, funções e estrutura. Código de catalogação: AACR
	Representação Descritiva II	60	Materiais especiais (multimeios): definições, conceitos, tipologia, características. Panorama atual. Descrição e registros catalográficos: nível terminologia e campos. Código de catalogação (AACR2). Noções gerais de organizações e tratamento. Coleções e catálogos.
	Representação Descritiva III	60	Gestão do tratamento técnico da coleção e materiais especiais: padrões e formatos de intercâmbio para a catalogação e bases de dados; atividades de tratamento técnico e preventivo para acessibilidade e disponibilidade da informação; estudo das mudanças da representação descritiva com o advento da tecnologia em rede.

<b>UFS</b>	Introdução à Representação Descritiva	60	Introdução à Representação Descritiva dos registros de informação nos modelos consagrados e nos novos modelos de ambientes informacionais digitais.
	Representação Descritiva I	60	Estudo e prática do código de catalogação AACR2.
	Representação Descritiva II	60	Estudo e prática do código de catalogação – outras linguagens.
	Formato de Intercâmbio Marc 21 (optativa)	60	Estruturas automatizadas de descrição, metadados, padrões de metadados. Automação de unidades de informação.
<b>UFES</b>	Representação Descritiva I	60	Catalogação e referência bibliográfica de monografias e periódicos. Controle bibliográfico universal (CBU). Catálogos de bibliotecas. Sistemas automatizados de catalogação.
	Representação Descritiva II	60	Multimeios: seleção e aquisição, processamento, armazenagem e empréstimo.
<b>UNIFORMG</b>	Tratamento Descritivo da Informação I	80	Apresentação de diferentes tipos de documentos e como fazer uma leitura técnica dos mesmos. História da Catalogação e dos catálogos, princípios e tipos de catálogos. Códigos de catalogação. Ponto de acesso para recuperação da informação. Entradas catalográficas: regras gerais para descrição. Catálogos dicionário: arranjo e ordenação. Recursos: descrição e acesso- RDA
	Tratamento Descritivo da Informação II	80	Representação bibliográfica de multimeios: material cartográfico, gravação de som, música impressa, vídeos, DVDs, artefatos tridimensionais e realia, materiais gráficos.
	Tratamento Descritivo da Informação III	80	Representação bibliográfica de multimeios: recursos eletrônicos, microformas e contínuos. Descrição bibliográfica. Sistemas de Catálogos automatizados. Formatos de intercâmbio. Política para tratamento da informação. Formato MARC.

UFMG	Catálogo Descritiva	60	Fundamentos e histórico das normas e formatos de Representação. Instrumentos utilizados na representação: ISBD, AACR2, e Marc. Formulação de ponto de acesso e controle de autoridade. Tabelas de autor. Construção de catálogos de fichas impressas e catálogos automatizados. Catalogação cooperativa e conversão retrospectiva
	Tópicos em Catalogação e Classificação da Informação A, B, C e D (optativa)	-----	Catalogação e organização de materiais especiais, desenho de arquitetura da informação, modelos mentais de categorização.
UFF	Normas e Padrões para Tratamento e Recuperação da Informação	60	<b>Ausente</b>
	Laboratório de Representação Descritiva de documentos	60	<b>Ausente</b>
UFRJ	Representação Descritiva I	45	Princípios de Catalogação. Conceitos de autoria e entrada principal. Catálogos: funções, tipos e formas. Controle bibliográfico universal. Códigos de catalogação. Padrões internacionais de descrição bibliográfica. Entradas secundárias. Tabelas de notação de autor.
	Representação Descritiva II	60	Identificação e catalogação dos diferentes tipos de materiais e suportes. Catalogação cooperativa e sua evolução. Formatos de intercâmbio e suas estruturas. Redes de informação. Catálogos em linha. Conversão retrospectiva de registros catalográficos (importação e exportação de dados).
	Representação Descritiva Instrumental (optativa)	45	Fundamentos e princípios da representação descritiva, a qualidade da representação e a recuperação de documentos. Principais regras e modelos de representação, sua aplicação na elaboração de registros bibliográficos. Exercitar o manuseio de instrumentos de representação descritiva de registros bibliográficos, tais como: AACR2, MARC21. Explicar o conceito de entidade-relacionamento e o estabelecimento de relações entre as diferentes entidades e atributos de uma obra, expressão, manifestação e item. O perfil profissional do catalogador.

<b>UNIFAI</b>	Representação Descritiva I	80	<b>Ausente</b>
	Representação Descritiva II	80	<b>Ausente</b>
	Representação Descritiva III	40	<b>Ausente</b>
<b>FABCI</b>	Representação Descritiva	72	Conhecimentos teóricos e práticos da Representação Descritiva com ênfase nas Regras de Catalogação Anglo-Americanas 2.ed. rev. (AACR2r) com vistas a elaboração de catálogos manuais como canal de comunicação e instrumento de acesso aos registros informacionais.
	Representação Descritiva Automatizada	72	Redes Cooperativas de Catalogação com ênfase na aplicação de Formatos de Intercâmbio Bibliográfico em contexto automatizado. Estuda os critérios e mecanismos do AACR2 e do Formato MARC 21 para controle normalizado dos pontos de acesso de registros bibliográficos e projeta simultaneamente as novas abordagens da catalogação descritiva.
	Representação Descritiva I	60	A história dos catálogos e da catalogação. Estudo dos tipos, formatos e funções do catálogo. Apresentação da representação descritiva nos formatos manual e automatizado. Estudo dos princípios, dos códigos de catalogação e apresentação da estrutura do código de catalogação vigente.
	Representação Descritiva II	60	Detalhamento do código de catalogação vigente, partindo da análise e aplicação das regras gerais de descrição com foco na descrição de livros e folhetos, assim como os pontos de acesso e a construção de cabeçalhos para pessoas e entidades. Aborda também as regras referentes às remissivas.

<b>UNIRIO</b>	Representação Descritiva III	60	Detalhamento do código de catalogação vigente, partindo da análise e aplicação das regras gerais de descrição com foco na descrição de livros e folhetos, assim como os pontos de acesso e a construção de cabeçalhos para entidades e títulos uniformes, e a análise das partes de um documento.
	Representação Descritiva IV(optativa)	60	Elaborar registros e análise de documentos bibliográficos não livro: recursos eletrônicos, periódicos e gravações de som.
	Representação Descritiva V (optativa)	60	Elaborar registros e análise de documentos bibliográficos não livro: material cartográfico, materiais gráficos, filmes e gravações de vídeo.
	Tópicos Especiais em Representação Descritiva (optativa)	45	Estudo das tendências em representação descritiva: novas abordagens e aplicações.
<b>FATEA</b>	Catalogação Descritiva	60	<b>Ausente</b>
<b>PUC (Campinas)</b>	Representação Descritiva: Catalogação I	68	Estudo e aplicação dos paradigmas normativos da representação descritiva de documentos: descrição.
	Catalogação II	68	Estudo e aplicação dos paradigmas normativos da representação descritiva de documentos: pontos de acesso.
	Catalogação Automatizada	68	Aplicação de padrões e formatos nacionais e internacionais para a representação descritiva de documentos.

<b>USP</b>	Representação Descritiva I	90	Princípios da descrição bibliográfica e seus principais conceitos e operações no processo de representação do conhecimento em suporte físico e em meios eletrônicos e digitais. Orienta a aplicação de normas internacionais que padronizam a descrição de registros de dados bibliográficos e de controle de autoridade para a recuperação da informação registrada.
	Representação Descritiva II	90	Conceitos e processos que possibilitam o estabelecimento de serviço de informação apoiado na adoção de formatos de intercâmbio de registros bibliográficos. Enfoca a utilização de padrões internacionais de intercâmbio e de esquemas de metadados descritivos, além de abordar a aplicação da descrição nos conceitos das redes sociais, agora denominado catalogação social..
<b>UNESP</b>	Catalogação	60	Estudo das teorias, princípios, esquemas, estruturas e formatos de descrição de recursos informacionais e acesso. Análise de sistemas e práticas que atendam às necessidades do usuário, de forma prática e ética. Experiência, em nível inicial, com instrumentos e códigos de catalogação para a descrição de metadados e esquemas de codificação, escolha de pontos de acesso e controle de autoridade.
	Metadados de Objetos Digitais	30	Estudo dos princípios e aplicação de metadados para a organização de recursos informacionais em rede a partir da concepção de esquemas de metadados específicos para atender as demandas informacionais da comunidade. Instruções sobre a aplicação e implementação de esquemas de metadados. Criação de registros de metadados, analisando o uso de elementos de metadados.
	Catalogação Automatizada	60	Conceituação da catalogação de recursos informacionais em ambientes digitais. Estudo sobre o modelo conceitual para recursos informacionais – FRBR e FRAD. Aplicação prática com MARCXML, Dublin Core na modelagem de catálogos. Importação e exportação de registros em sistemas de gerenciamento de bibliotecas.

UFSCAR	Catálogo I	60	Teoria da representação bibliográfica. Princípios internacionais de catalogação. Requisitos funcionais para registros bibliográficos. Ementa: regras internacionais para a descrição bibliográfica: ISBDs e AACR. Catálogo e catálogos em linha. Pontos de acesso ao registro bibliográfico e remissivas.
	Catálogo II	60	Registros bibliográficos de livros, folhetos, materiais cartográficos, manuscritos, música, gravação de som, filmes cinematográficos e gravações de vídeo, materiais gráficos, artefatos tridimensionais e realia, recursos eletrônicos, microformas, recursos contínuos e analíticos.
	Catálogo III	60	Compreender a necessidade de adoção de padrões de reconhecimento internacional para a representação bibliográfica e o intercâmbio de dados; conhecer a família MARC21 (Bibliográfico, Autoridade, Comunidade, Coleção, Classificação); compreender e elaborar registros bibliográficos em formato MARC21 Bibliográfico e Dublin Core. Ementa: formatos internacionalmente conhecidos para a representação bibliográfica. Formato MARC21 Bibliográfico, Autoridade, Comunidade, Coleção e Classificação. Formato MARC21 Bibliográfico. Dublin Core.

**Fonte:** Elaborado pela autora (2013-2014)

Vale mencionar que na identificação das disciplinas de catalogação, adotamos o conceito utilizado por Mey e Silveira (2009, p. 7) que define a mesma como sendo:

O estudo, preparação e organização de mensagens, com base em registros do conhecimento, reais ou ciberespaciais, existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos, de forma a permitir a interseção entre as mensagens contidas nesses registros do conhecimento e as mensagens internas dos usuários.

A escolha desse conceito trazido pelas as autoras deu-se, por se tratar de uma obra basilar para o ensino da catalogação usada nas escolas de Biblioteconomia.

Desse modo, foram selecionadas as disciplinas que em sua ementa indicassem as atividades de Catalogação Descritiva. Já os cursos que não disponibilizam suas ementas a identificação das disciplinas se baseou apenas no nome da mesma, sendo selecionadas aquelas que fazem uso de termos ligados à Catalogação Descritiva, tais como AACR2, Tratamento da informação, MARC 21, metadados, RDA etc).

O quadro 7 mostra os cursos e suas terminologias para a Catalogação Descritiva.



**Quadro 7:** Terminologias encontradas nos currículos dos cursos

<b>Instituições (centro-oeste)</b>	<b>Tipo</b>	<b>Terminologia para a disciplina</b>
UFG	Pública	-Representação Descritiva I e II
Universo	Particular	-Representação Descritiva Catalogação
UNB	Pública	-Catalogação -Organização e Tratamento de Materiais Especiais (optativa)
UNIRONDON	Particular	<b>AUSENTE</b>
UFMT	Pública	-Representação Descritiva I e II
IESF	Particular	<b>AUSENTE</b>
<b>Instituições (Norte)</b>		
UFAM	Pública	-Representação Descritiva Documentos I e II
UFPA	Pública	-Representação Descritiva da Informação I, II e III
UNIR	Pública	<b>AUSENTE</b>
<b>Instituições (Sul)</b>		
FCSAC	Particular	<b>AUSENTE</b>
UEL	Pública	-Representação Descritiva I e II -Tecnologia Aplicada à Representação Descritiva
UDESC	Pública	-Representação Descritiva I, II e III
UFSC	Pública	-Catalogação I e II
UCS	Particular	-Representação Descritiva I, II e III
UFRGS	Pública	-Fundamentos da Organização da Informação -Representação Descritiva I, II e C
FURG	Pública	-Fundamentos de Representação Descritiva, -Representação Descritiva I e II -Prática em Representação Descritiva (optativa) -Tópicos Especiais em Representação Descritiva (optativa)
Universo	Particular	-Representação Descritiva Catalogação
<b>Instituições (Nordeste)</b>		
UFAL	Pública	-Representação Descritiva I e II
Universo	Particular	-Representação Descritiva Catalogação

UFBA	Pública	-Catalogação I e II
UFC	Pública	-Representação Descritiva da informação I -Representação Descritiva II
UFMA	Pública	-Representação Descritiva I e II
UFPB	Pública	-Representação Descritiva da informação I e II
UFPE	Pública	-Representação Descritiva I e II
Universo	Particular	-Representação Descritiva Catalogação
UESPI	Pública	<b>AUSENTE</b>
UFRN	Pública	-Representação Descritiva I, II e III
UFS	Pública	-Introdução à Representação Descritiva -Representação Descritiva I e II -Formato de Intercâmbio MARC21(optativa)
<b>Instituições (Sudeste)</b>		
VIX	Particular	<b>AUSENTE</b>
UFES	Pública	-Representação Descritiva I e II
Universo	Particular	-Representação Descritiva Catalogação
UNIFORMG	Particular	-Tratamento Descritivo da Informação I, II e III
PUC	Particular	<b>AUSENTE</b>
UFMG	Pública	-Catalogação Descritiva -Tópicos em Catalogação e Classificação da Informação A, B, C e D (optativa)
Universo	Particular	-Representação Descritiva Catalogação
UNIRIO	Pública	-Representação Descritiva I, II, III -Representação Descritiva IV e V (optativa) -Tópicos Especiais em Representação Descritiva (optativa)
Universo	Particular	-Representação Descritiva Catalogação
USU	Particular	<b>AUSENTE</b>
UFF	Pública	-Normas e Padrões para Tratamento e Recuperação da Informação -Laboratório de Representação Descritiva de documentos
UFRJ	Pública	-Representação Descritiva I e II -Representação Descritiva Instrumental (optativa)
UNIFAI	Particular	-Representação Descritiva I, II, III

FABCI	Particular	-Representação Descritiva -Representação Descritiva Automatizada
FATEA	Particular	-Catalogação Descritiva
IMAPES	Particular	<b>AUSENTE</b>
FAINC	Particular	<b>AUSENTE</b>
PUC – Campinas	Particular	-Representação Descritiva: Catalogação I, II -Catalogação Automatizada
USP	Pública	-Representação Descritiva I, II
UNESP	Pública	-Catalogação -Metadados de Objetos Digitais -Catalogação Automatizada
UFSCAR	Pública	-Catalogação I, II, III

**Fonte:** Elaborado pela autora (2013-2014)

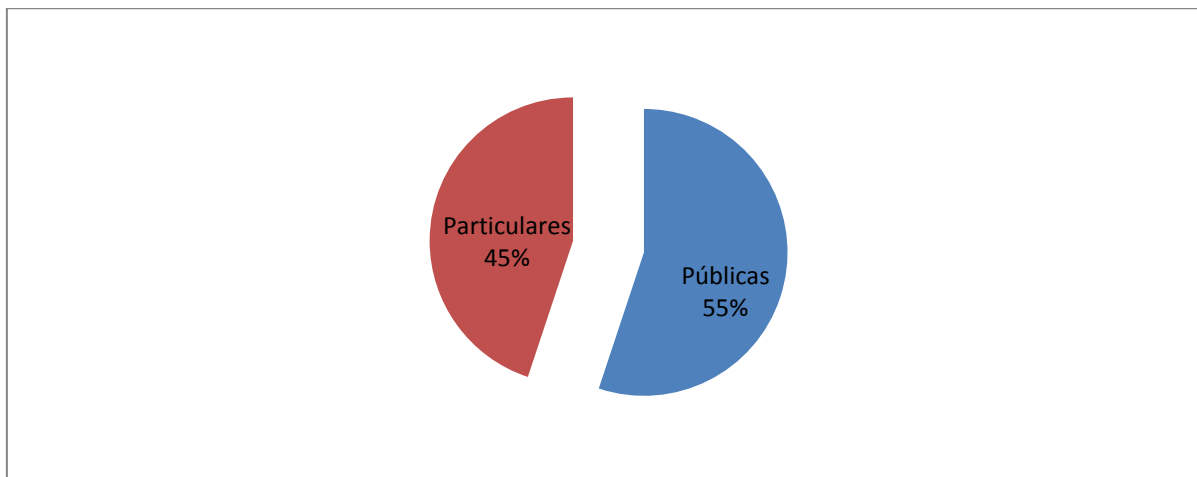
Após a identificação dessas disciplinas, percebemos que dos 33 cursos analisados 21 possuem a terminologia Representação Descritiva na sua grade curricular, às vezes seguida de outro termo, como Informação ou Catalogação.

Já em relação à carga horária procuramos identificar a quantidade de horas disponibilizadas para cada disciplina. Dividimos a carga horária em obrigatória que correspondente às disciplinas obrigatórias e optativas, que correspondem às disciplinas optativas nas grades curriculares dos cursos. Identificamos que todos oferecem de uma a três disciplinas obrigatórias de Catalogação Descritiva e que apenas 6 cursos oferecem disciplinas optativas. Na próxima seção trataremos da análise dos resultados encontrados após o levantamento dos dados.

#### **4.1 Forma de Análise dos resultados**

Na identificação das universidades que oferecem o curso de Biblioteconomia cadastradas no MEC, percebe-se que do total encontrado de 49 cursos, 27 são de instituições públicas e 22 de instituições particulares. Nota-se que, independente da natureza da instituição, a Catalogação Descritiva está presente na grade curricular do curso. Conforme visto no gráfico 2 a diferença entre a quantidade de universidades públicas e particulares é de 5%.

**Gráfico 2:** Percentual de universidades públicas e particulares encontrados na pesquisa.



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Durante a coleta de dados também percebemos que todos os cursos de Biblioteconomia brasileiros, que fizeram parte deste estudo, contemplam, em seu currículo, uma ou mais disciplinas, destinadas ao ensino da Catalogação Descritiva, bem como do uso dos instrumentos de trabalho do bibliotecário/catalogador. Em todos os cursos analisados a disciplina de Catalogação Descritiva, independente da terminologia atribuída é ofertada como obrigatória, o que nos leva a perceber a importância da mesma na formação dos futuros bibliotecários.

Pela análise realizada nas grades curriculares dos cursos de Biblioteconomia brasileiros que fizeram parte deste estudo, observa-se que, em geral, o ensino da Catalogação Descritiva está voltado para a prática catalográfica, e utilizam como instrumento de apoio e base de conteúdos o Código de Catalogação Anglo Americano, segunda edição (AACR2) e os alunos são orientados para o exercício e a elaboração de registros bibliográficos no formato de fichas tradicionais de catalogação 12,5cm x 7,5cm ou no formato MARC 21, na manipulação de softwares de automação de bibliotecas.

Constata-se também que poucos cursos tem em sua grade curricular a construção de bases de dados, o formato MARC21, a catalogação automatizada e quando existe tem peso pequeno nos cursos, isto é, são ofertadas como optativas. Na realidade, não possuem uma disciplina específica, em geral apresentam apenas introduções sobre essas questões e/ ou temáticas. Dos cursos que fizeram parte do estudo, somente os da UEL, PUC- Campinas, FABC, UNESP e UFSCAR oferecem disciplinas específicas que trata de MARC21, Catalogação Automatizada em suas grades obrigatórias. Já os cursos da UFS, UNIRIO e

UFRJ também oferecem disciplinas específicas voltadas para novas práticas catalográficas, porém como optativa. Essa questão é preocupante, pois percebe-se que o ensino da Catalogação Descritiva não está preparando os futuros bibliotecários para trabalharem com os avanços tecnológicos ocorridos nos últimos anos, consequentemente, não estão sendo preparados para trabalhar as novas práticas catalográficas.

Machado, Helde e Couto (2007) consideram ser imprescindível que o estudante antes de iniciar a prática da elaboração de registros bibliográficos tenha conhecimento da importância da Catalogação Descritiva, como atividade profissional especializada, do contexto histórico, social e cultural que levou a criação dessa atividade e, dos princípios que regem a área (Declaração de Paris). Nesse sentido, notou-se que em geral, a grade curricular das disciplinas de Catalogação Descritiva dos cursos de Biblioteconomia brasileiros contemplam, como itens conteúdo iniciais, esses assuntos, ou seja, a história dos catálogos e da catalogação, ou seja os fundamentos da Catalogação Descritiva.

Em relação à carga horária, não existe uma definição da quantidade de horas para o ensino da Catalogação Descritiva, uma vez que essa quantidade de horas fica a critério das instituições. Mey e Moreno (2012) consideram a carga horária ideal para o ensino da Catalogação Descritiva, como sendo de 180h/aula, ou 12 créditos e consideram prejudicial à formação do profissional com a carga horária menor que 120h/aula. Nos cursos que fizeram parte do estudo percebe-se que a carga horária obrigatória mínima, para a disciplina de Catalogação Descritiva é de 120h. Acredita-se, que hoje, essa carga horária não seja suficiente para a formação do bibliotecário, pois a mesma não permite o desenvolvimento teórico e prático necessário para a formação. Já os cursos da UNB (60h), UFRJ (105h), UFMG (60 h), FATEA (60h) disponibilizam uma carga horária obrigatória menor. Concordamos com as autoras Mey e Moreno (2012) que uma carga horária inferior a 120h/aula, não é suficiente para a formação dos futuros profissionais.

Acredita-se que esses cursos que possuem a carga horária menor que 120h/aula, não permitem a preparação dos estudantes para exercer a tarefa de catalogar, com habilidade e competência para lidar com os diversos ambientes e suportes existentes. Ainda com relação à carga horária, percebe-se uma divergência muito grande em termos de horas destinados a Catalogação Descritiva, entre os cursos de Biblioteconomia. O que nos leva a refletir sobre uma maneira de padronizar a carga horária do ensino da Catalogação Descritiva no cenário brasileiro.

Constata-se, também que dos cursos que fizeram parte da pesquisa apenas da UNB, UFRGS, FURG, UFS, UFMG e UNIRIO são os que oferecem disciplinas optativas de

Catalogação Descritivas, o que nos leva a entender que a mesma não é vista como uma atividade extra, e sim como uma disciplina base dos currículos. O quadro 8 mostra a carga horária disponibilizada para o ensino da Catalogação Descritiva pelos cursos que fizeram parte dessa investigação.

**Quadro 8:** Carga horária disponível para o ensino da Catalogação Descritiva nas universidades brasileiras.

<b>Instituições (centro-oeste)</b>	<b>Tipo</b>	<b>Carga horária obrigatória</b>	<b>Carga horária optativa</b>
UFG	Pública	128h	
UNB	Pública	60h	60h
UFMT	Pública	150h	
<b>Instituições (Norte)</b>			
UFAM	Pública	165h	
UFPA	Pública	192h	
<b>Instituições (Sul)</b>			
UEL	Pública	150h	
UDESC	Pública	198h	
UFSC	Pública	180h	
UFRGS	Pública	180h	45h
FURG	Pública	135h	60h
<b>Instituições (Nordeste)</b>			
UFAL	Pública	120h	
UFBA	Pública	170h	
UFC	Pública	128h	
UFMA	Pública	120h	
UFPB	Pública	150h	
UFPE	Pública	120h	
UFRN	Pública	180h	
UFS	Pública	180h	60h
<b>Instituições (Sudeste)</b>			
UFES	Pública	120h	
UNIFORMG	Particular	240h	
UFMG	Pública	60h	240h
UNIRIO	Pública	180h	165h
UFF	Pública	120h	
UFRJ	Pública	105h	
UNIFAI	Particular	200h	
FABCI	Particular	144h	
FATEA	Particular	60h	
PUC – Campinas	Particular	204h	
USP	Pública	180h	
UNESP	Pública	180h	
UFSCAR	Pública	180h	

**Fonte:** Elaborado pela autora (2013-2014)

Em relação à carga horária média por região destinada às disciplinas de Catalogação Descritiva não diferem muito de uma região para a outra, o que nos leva a crer na importância e o reconhecimento dados hoje, ao ensino da mesma nos cursos de Biblioteconomia no Brasil. O quadro 9 mostra a carga horária média destinada à Catalogação Descritiva, por região pesquisada.

**Quadro 9:** Média da carga horária destinada às disciplinas de Catalogação Descritiva por região

<b>Instituições regiões</b>	<b>Carga horária obrigatória Catalogação (média)</b>
Centro- oeste	112h
Norte	178h
Sul	168h
Nordeste	146h
Sudeste	151h

**Fonte:** Elaborado pela autora (2013-2014)

Essa carga horária média foi obtida através da soma da carga horária obrigatória de cada curso por região, depois o total foi dividido pela quantidade de curso de cada região.

Conforme a análise dos resultados pode-se dizer que o ensino da Catalogação Descritiva, no panorama brasileiro é considerado de importância capital, estando presente em todas as matrizes curriculares das escolas de Biblioteconomia.

A partir dos dados coletados e analisados, acredita-se que o ideal do ensino da Catalogação Descritiva deva ser repensado, do ponto de vista teórico e prático, no que tange à padronização da carga horária estabelecida, a fim de propiciar aos alunos da graduação, uma captação de conteúdos condizentes para o mercado profissional.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as atividades realizadas pelos bibliotecários está a de catalogar, que permite o acesso à informação, com o objetivo de possibilitar ao usuário fazer a recuperação da informação de forma rápida e eficaz. Essa atividade faz parte dos currículos de todos os cursos de Biblioteconomia, sobretudo, os brasileiros.

Este trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo fazer um mapeamento do ensino da Catalogação Descritiva nos cursos de Biblioteconomia no Brasil, no sentido de conhecer as características referentes à carga horária, terminologias e também comparar as grades curriculares dos cursos. Para responder aos objetivos propostos nessa pesquisa, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, a fim de conhecer o assunto. Depois foi feita uma pesquisa no *site* do MEC, para pesquisar as instituições públicas e particulares que oferecem o curso de Biblioteconomia.

Também pretendeu analisar as grades curriculares dos cursos, no sentido de identificar as disciplinas que contemplam o ensino da Catalogação Descritiva, bem como a carga horária disposta para o ensino da mesma, tendo em vista a importância da disciplina na formação dos profissionais que irão trabalhar nas bibliotecas e em outros ambientes.

No Brasil, a formação deste profissional, se dá em curso de graduação, em Biblioteconomia, que formam bibliotecários, com duração de quatro anos.

No decorrer dessa pesquisa encontraram-se dificuldades em localizar na maioria dos *sites* das instituições, informações completas sobre suas grades e ementas, e muitas vezes encontramos informações desatualizadas, documentos eletrônicos corrompidos etc. Para tanto, a partir do estudo exploratório e do universo empírico, essa investigação teve importantes constatações, a seguir:

Que o ensino da Catalogação Descritiva está presente em todos os cursos de Biblioteconomia no Brasil e todos eles oferecem uma ou mais disciplinas de Catalogação Descritiva; acredita-se que essa presença da disciplina em todos os cursos, ocorre por ser considerada de importância capital, na caracterização e formação da profissão de bibliotecário.

Que as instituições baseiam o ensino da Catalogação Descritiva na prática catalográfica, e que utilizam como instrumentos de apoio o AACR2. Os avanços tecnológicos na área, relativo ao desenvolvimento de novos formatos, padrões, funções, concernentes à Catalogação Descritiva, ainda é pouco contemplado nas grades curriculares. Faz-se necessária



a inclusão de disciplinas específicas que contemplem o ensino dessas novas práticas catalográficas.

Que todos os cursos contemplem em suas grades a história dos catálogos e da catalogação, o que nos leva a ver que há uma preocupação no que se refere à fundamentação e a razão de se fazer a Catalogação Descritiva, em outras palavras, nas teorias que embasam a área. Já em relação à prática da Catalogação Descritiva constata-se que poucos cursos oferecem laboratórios para o desenvolvimento prático da Catalogação Descritiva, o que nos leva acreditar que essa prática muitas vezes só é vista nos estágios curriculares ou extracurriculares, ou não é vista.

Que em relação à carga horária, nota-se que há uma divergência muito grande entre os cursos, existem cursos que oferecem 60 horas para o ensino da Catalogação Descritiva, enquanto outros oferecem 180 horas. Acredita-se que essas diferenças na carga horária reflitam na formação do profissional de uma instituição para a outra, pois os cursos que oferecem mais carga horária permitem aos alunos um conhecimento mais amplo e aprofundado da Catalogação Descritiva.

Por meio da análise das grades curriculares, referente à disciplina de Catalogação Descritiva, conclui-se que a formação dos catalogadores nas universidades do Brasil, passa por um momento de mudança em decorrência dos avanços das TICs na Catalogação Descritiva. É necessário considerar que as bibliotecas estão em mudança, da estrutura do tradicional para o digital, e que os bibliotecários devem estar preparados para essa mudança. Competem aos cursos de graduação formar bibliotecários aptos a entender e adaptar-se ao momento e as transformações ocorridas no interior da Catalogação Descritiva, sobretudo, na formação de ambientes informacionais digitais.

Nesse sentido é pertinente apresentar algumas recomendações ou sugestões que acredita-se ser necessário para o melhoramento do ensino da Catalogação Descritiva:

- Um consenso entre os cursos no sentido de padronizar a grade curricular.
- A reformulação das ementas desta área, a fim de atualizar as mesmas de acordo com as novas práticas catalográficas.
- A introdução na grade curricular de matérias específicas que contemplem os novos formatos e padrões de Catalogação.
- Definição de uma carga horária para o ensino da Catalogação Descritiva nos cursos de Biblioteconomia.

Pretendeu-se com essa pesquisa mostrar a situação do ensino da Catalogação Descritiva e sua importância na formação do bibliotecário.

Dessa forma, espera-se que esse trabalho sirva como fonte de pesquisa para acadêmicos e profissionais interessados em conhecer ou ampliar seus conhecimentos acerca do ensino da Catalogação Descritiva no Brasil, naquilo que envolve sua teoria e prática.

## REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, Dulce Maria. **A catalogação como atividade profissional especializada e objeto de ensino universitário**. Revista Informação e Informação, Londrina, v.11, n.1, jan./jun. 2006. Disponível em: <[www.uel.br/revistas/uel/index.php/informação/article/view/1700/145](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informação/article/view/1700/145)>. Acesso em: 25 jun. 2013.
- BARBOSA, Alice Príncipe. **Novos rumos da catalogação**. Rio de Janeiro: BNG/ Brasilart, 1978.
- BRASIL. Lei N. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, n. 248, 23 de dez. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 25 de dez.2013.
- CAMPELLO, Bernadete. **Introdução ao controle bibliográfico**. 2. ed. Brasília, DF: Brinquet de Lemos, 2006.
- CARVALHO, Ana Carolina Lima de. **O ensino dos instrumentos da catalogação e a atuação do catalogador em Santa Catarina**. Florianópolis, 2010.
- CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia Brasileira: perspectiva histórica**. Brasília: Thesaurus, 2000.
- CASTRO, Fabiano Ferreira de. **Padrões de representação e descrição de recursos informacionais em bibliotecas digitais na perspectiva da Ciência da Informação: uma abordagem do MarcOnt Initiative na era da Web Semântica**. 2008. 201f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.
- GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2005.
- MACHADO, Elisa Campos; HELDE, Rosangela Rocha Von; COUTO, Sabrina Dias do. Ensino de catalogação: da teoria à prática. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, Nova Série**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 100-106, jul. - dez. 2007.
- MARCONDES, Carlos Henrique. Representação e economia da informação. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 30, n. 1, p. 61-70, jan./abr. 2001. Disponível em: <[http://www.brapci.ufpr.br/search\\_result.php](http://www.brapci.ufpr.br/search_result.php)>. Acesso em: 5 jan. 2013.
- MEC. **Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados**. Disponível em: <<https://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2013.
- MEY, Eliane Serrão Alves. **Introdução à catalogação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1995.

MEY, Eliane Serrão Alves; MORENO, Fernanda. Desafios do ensino de catalogação no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE CATALOGAÇÃO- ENACAT. III EEPC, 1;3; Rio de Janeiro, 2012. **Anais...** Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/109279226/Desafios-do-ensino-de-catalogacao-no-Brasil>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naira Chrisatofolletti. **Catalogação no plural**. Brasília, DF: Brinquet de Lemos, 2009.

MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naira Chrisatofolletti. Considerações teóricas aligeiradas sobre a catalogação e sua aplicação. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 125-137, 2010.

MODESTO, Fernando. Panorama da catalogação no Brasil: da década de 1930 aos primeiros anos do século XXI. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. **Anais...** Brasília, 2007. Disponível em: < <http://www.eca.usp.br/prof/fmodesto/textos/2007PanoramaCatalogacao.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

MOMESSO, Ana Carolina; SILVA, Karina Gama Cubas. As disciplinas de catalogação nos cursos de biblioteconomia. In: I ENCONTRO NACIONAL DE CATALOGADORES, III ENCONTRO DE ESTUDO E PESQUISA EM CATALOGAÇÃO, 1., 2., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/109279891/As-disciplinas-de-catalogacao-nos-curriculos-dos-cursos-de-Biblioteconomia-brasileiros>>. Acesso em: 1 jul 2013.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. **Métodos para pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino de biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 1985.

PEREIRA, Ana Maria. Inquietações sobre o ensino de catalogação. In: ENCONRO NACIONAL DE CATALOGAÇÃO- ENACAT. IV EEPC, 2; 3, Rio de Janeiro, 2013. **Anais...** Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: < <http://www.enacat.ufscar.br/index.php/eic-enacat/eic-enacat/paper/viewFile/60/29>>. Acesso em: 1 fev. 2014.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino da biblioteconomia no contexto brasileiro: século XX**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

SOUZA, Terezinha Batista de. **O ensino da representação descritiva nos cursos da área de ciência da informação no Brasil e Portugal: Estudo Comparativo**. 2009. Tese (doutorado Ciências Documentais) – Universidade do Porto, 2009.

TOLENTINO, Vinicius de Souza. O binômio teoria e prática no ensino de catalogação. In: I ENCONTRO NACIONAL DE CATALOGADORES, III ENCONTRO DE ESTUDO E PESQUISA EM CATALOGAÇÃO, 1., 2., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/109280085/O-binomio-teoria-e-pratica-no-ensino-de-catalogacao>>. Acesso em: 1 jul 2013.

### APÊNDICE A - Site das instituições

<b>Instituições (centro-oeste)</b>	<b>Site</b>
Universidade Federal de Goiás (UFG)	<a href="http://www.ufg.br">www.ufg.br</a>
Universidade Salgado de Oliveira (Universo)	<a href="http://www.universo.edu.br">www.universo.edu.br</a>
Universidade de Brasília (UNB)	<a href="http://www.unb.br">www.unb.br</a>
Centro Universitário Cândido Rondon (UNIRONDON)	<a href="http://www.unirondon.br">www.unirondon.br</a>
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)	<a href="http://www.ufmt.br">www.ufmt.br</a>
Instituto de Ensino Superior da FUNLEC (IESF)	<a href="http://www.iesf.funlec.com.br">www.iesf.funlec.com.br</a>
<b>Instituições (Norte)</b>	
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	<a href="http://www.ufam.edu.br">www.ufam.edu.br</a>
Universidade Federal do Pará (UFPA)	<a href="http://www.ufpa.br">www.ufpa.br</a>
Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR)	<a href="http://www.unir.br">www.unir.br</a>
<b>Instituições (Sul)</b>	
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel (FCSAC)	<a href="http://www.univel.br">www.univel.br</a>
Universidade Estadual de Londrina (UEL)	<a href="http://www.uel.br">www.uel.br</a>
Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	<a href="http://www.udesc.br">www.udesc.br</a>
Universidade Federal de Santa Catarina UFSC	<a href="http://www.ufsc.br">www.ufsc.br</a>
Universidade de Caxias do Sul (UCS)	<a href="http://www.ucs.br">www.ucs.br</a>
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	<a href="http://www.ufrgs.br">www.ufrgs.br</a>
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	<a href="http://www.furg.br">www.furg.br</a>
Universidade Salgado de Oliveira (Universo)	<a href="http://www.universo.edu.br">www.universo.edu.br</a>

<b>Instituições (Nordeste)</b>	
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	<a href="http://www.ufal.edu.br">www.ufal.edu.br</a>
Universidade Salgado de Oliveira (Universo)	<a href="http://www.universo.edu.br">www.universo.edu.br</a>
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	<a href="http://www.portal.ufba.br">www.portal.ufba.br</a>
Universidade Federal do Ceará (UFC)	<a href="http://www.ufc.br">www.ufc.br</a>
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	<a href="http://www.ufma.br">www.ufma.br</a>
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	<a href="http://www.ufpb.br">www.ufpb.br</a>
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	<a href="http://www.ufpe.br">www.ufpe.br</a>
Universidade Salgado de Oliveira (Universo)	<a href="http://www.universo.edu.br">www.universo.edu.br</a>
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)	<a href="http://www.uespi.br">www.uespi.br</a>
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	<a href="http://www.ufrn.br">www.ufrn.br</a>
Universidade Federal de Sergipe (UFS)	<a href="http://www.ufs.br">www.ufs.br</a>
<b>Instituições (Sudeste)</b>	
Faculdade Capixaba da Serra (VIX)	<a href="http://www.univix.br">www.univix.br</a>
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	<a href="http://www.ufes.br">www.ufes.br</a>
Universidade Salgado de Oliveira (Universo)	<a href="http://www.universo.edu.br">www.universo.edu.br</a>
Centro Universitário de Formiga (UNIFORMG)	<a href="http://www.uniformg.edu.br">www.uniformg.edu.br</a>
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC)	<a href="http://www.pucminas.br">www.pucminas.br</a>
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	<a href="http://www.ufmg.br">www.ufmg.br</a>
Universidade Salgado de Oliveira (Universo)	<a href="http://www.universo.edu.br">www.universo.edu.br</a>
Universidade Federal do Estado do RJ (UNIRIO)	<a href="http://www.unirio.br">www.unirio.br</a>
Universidade Salgado de Oliveira (Universo)	<a href="http://www.universo.edu.br">www.universo.edu.br</a>

Universidade Santa Úrsula (USU)	<a href="http://www.usu.br">www.usu.br</a>
Universidade Federal Fluminense (UFF)	<a href="http://www.uff.br">www.uff.br</a>
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	<a href="http://www.ufrj.br">www.ufrj.br</a>
Centro Universitário Assunção (UNIFAI)	<a href="http://www.unifai.edu.br">www.unifai.edu.br</a>
Faculdades Integradas Coração de Jesus (FAINC)	<a href="http://www.fainc.com.br">www.fainc.com.br</a>
Faculdade de Biblioteconomia e Ciências da Informação (FABCI)	<a href="http://www.fespsp.org.br">www.fespsp.org.br</a>
Faculdades Integradas Teresa D´avila (FATEA)	<a href="http://www.fatea.br">www.fatea.br</a>
Instituto Manchester Paulista de Ensino Superior (IMAPES)	<a href="http://www.unianhanguera.edu.br">www.unianhanguera.edu.br</a>
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC)	<a href="http://www.puc-campinas.edu.br">www.puc-campinas.edu.br</a>
Universidade de São Paulo (USP)	<a href="http://www.usp.br">www.usp.br</a>
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)	<a href="http://www.unesp.br">www.unesp.br</a>
Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)	<a href="http://www.ufscar.br">www.ufscar.br</a>